



SIMON SCARROW

A ÁGUIA NO DESERTO

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *A Águia no Deserto*

AUTORIA: *Simon Scarrow*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência

Título original The Eagle In The Sand © 2006 Simon Scarrow. Publicado originalmente em Inglaterra por Headline Book Publishing, 2006

TRADUÇÃO: *José Saraiva*

REVISÃO: *Sofia Dias*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Tipografia Guerra — Viseu*

1ª EDIÇÃO: *Maior, 2009*

ISBN: *978-989-637-122-7*

DEPÓSITO LEGAL: *291868/09*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

A Timoor Daghistani
Com gratidão e amizade

Nada mais simples para mim do que percorrer o território que fornecia o cenário para os cinco primeiros livros da série da Águia, a antiga Britânia; a paisagem na qual Macro e Cato se viam forçados a combater era-me perfeitamente familiar. Situar a acção deste novo volume no deserto, nas mais longínquas franjas do Império Romano, revelou-se uma questão mais complexa. Até ao momento em que recebi um telefonema do Sr. Daghistani, da embaixada da Jordânia, e fiquei a saber que Sua Majestade o Rei Abdullah era um leitor entusiasta da série, e que fazia a cortesia de me convidar, com a minha família, a visitar o seu país e a conhecer de perto as numerosas ruínas romanas que existem na Jordânia.

Gostaria de exprimir a minha mais sincera gratidão a Sua Majestade, pela maravilhosa hospitalidade que me foi oferecida. Estendo essa gratidão a todos os jordanos que fizeram da nossa visita ao seu país um verdadeiro prazer. Agradecimentos a Rozana Abu Hamdi, do Real Gabinete do Protocolo, por ter organizado um itinerário fascinante, que nos levou a inúmeros locais romanos; ao nosso condutor, Moraud, que se revelou um paciente professor de árabe, e acolheu com prazer os nossos limitados progressos na sua língua; e, por fim, um obrigado a Samer Mouasher, que conhecia a localização exacta de um certo forte no deserto, de crucial importância para o desenlace deste romance.





I

Foi o centurião Macro quem primeiro reparou neles: um pequeno grupo de homens, de capuzes puxados sobre as cabeças, que entraram na rua apinhada a partir de um escuro beco transversal, misturando-se imediatamente e com a maior das naturalidades no fluxo de pessoas, animais e veículos que se dirigiam ao grande mercado que tinha lugar no terreiro em frente ao Templo. Apesar de ser apenas o meio da manhã, o sol já fustigava Jerusalém, fazendo o ar nas estreitas ruas encher-se de cheiros intensos, nem todos agradáveis; o familiar perfume das cidades do Império, aqui misturado com aromas estranhos, que evocavam o Oriente — bálsamo, citrinos, especiarias. Debaixo do sol abrasador e do ar abafado, Macro sentia perfeitamente o suor a irritar-lhe a pele da face e do corpo, e não pôde deixar de se perguntar como seria alguém capaz de suportar um capuz naquele calor. Manteve o olhar fixo nos membros do grupo à medida que estes seguiam pela rua, cerca de vinte passos à sua frente. Não falavam uns com os outros, e nem pareciam dar conta da agitação da turba que os rodeava; limitavam-se a avançar com a corrente humana. Passou as rédeas da mula para a outra mão, e deu um toque ao centurião Cato, habitual companheiro de aventuras, que seguia a seu lado, à frente da diminuta coluna de recrutas das tropas auxiliares romanas que se arrastava pelas ruas poeirentas.

— Aqueles estão a preparar alguma.

— Há? — Cato pareceu despertar de um sonho, e olhou em redor. — Desculpe. O que disse?

— Ali à frente. — Macro fez um gesto rápido na direcção dos homens que vigiava. — Estás a ver aquele grupo de encapuzados?

Cato franziu os olhos, até localizar os alvos indicados pelo amigo.

— Sim. O que têm?

— Bom, não achas estranho? — Macro olhou para o companheiro. Cato era um miúdo esperto, admitia-o, mas às vezes não dava conta de um perigo ou de um detalhe crucial que lhe passava mesmo à frente do nariz.

Sendo mais velho, Macro atribuía esse ponto fraco à falta de experiência do amigo. Ele próprio, já tinha passado quase dezoito anos ao serviço das legiões — o tempo suficiente para desenvolver a capacidade de apreender rapidamente tudo o que o rodeava e se podia revelar ameaçador. A sua vida dependia disso, como já tinha comprovado em demasiadas ocasiões. Tinha, aliás, várias cicatrizes espalhadas pelo corpo, que atestavam momentos em que ignorara o perigo até ser quase demasiado tarde. O facto de ainda estar vivo demonstrava que tinha a pele dura e que, num combate, não tinha qualquer problema em fazer apelo a uma brutalidade sem limites. Como qualquer centurião das legiões do Imperador Cláudio, era um homem com quem se podia contar num aperto. Bom, talvez não como qualquer centurião, reflectiu, enquanto contemplava Cato. O amigo era uma espécie de excepção. Tinha conseguido a promoção ao centuriato numa fase atrozmente precoce da sua carreira militar, graças a cérebro, coragem e sorte, mas também a uma pitada de favoritismo. O último ingrediente podia facilmente irritar um tipo como Macro, que subira a pulso nas fileiras, mas este era suficientemente honesto para reconhecer que Cato justificara plenamente a promoção. Nos quase quatro anos que tinham passado desde que o jovem se juntara à Segunda Legião, e durante os quais tinha servido ao seu lado na Germânia, na Britânia e na Ilíria, tinha-se transformado de um recruta de ar inocente num rijo veterano. Mesmo assim, de vez em quando ainda andava com a cabeça nas nuvens.

Macro suspirou, impaciente.

— Capuzes. Neste calor. Esquisito, não te parece?

Cato olhou outra vez para os homens e encolheu os ombros.

— Agora que fala nisso, é bizarro, com efeito. Talvez sejam membros de uma seita religiosa qualquer. Sabem os deuses quantas delas existem por estas bandas. — Lançou uma fungadela desdenhosa. — Quem poderia supor que uma única religião tivesse tantas? E, pelo que tenho ouvido, os indígenas são do mais religioso que pode haver. Ninguém bate os habitantes da Judeia quanto ao fervor pelo seu deus.

— Pode ser que sim. — Considerou Macro, pensativo. — Mas aquele bando não me parece lá muito religioso.

— Como é que sabe?

— Sei. — Macro deu um toque ligeiro no nariz. — Acredita em mim. Vão armar confusão.

— De que género?

— Não sei. Por enquanto. Mas continua a observá-los, e diz-me o que pensas.

— Pensar? — Cato franziu o sobrolho, irritado. — Isso era o que eu estava a fazer quando me interrompeu.

— Ah? — Retorquiu Macro, mantendo o olhar no grupo que seguia à sua frente. — E eu a supor que estavas a meditar nalgum assunto de capital importância, capaz de alterar a face da Terra. Pelo menos era o que parecia, pelo ar ausente que exibias.

— Engraçado. Por acaso, estava a pensar no Narciso.

— No Narciso? — A expressão de Macro carregou-se assim que ouviu o nome do secretário imperial, cujas ordens os tinham enviado para leste. — Esse pulha? Para quê perder tempo com ele?

— Bom, é que desta vez ele lixou-nos com toda a força. Tenho muitas dúvidas de que consigamos completar esta missão. Tresanda.

— E isso é novidade? Todas as tarefas que o sacana nos atribuiu ao longo dos tempos tresandavam. Até parece que somos as esponjas de limpeza das legiões imperiais. Sempre na merda.

Cato olhou para o amigo com uma expressão de desagrado, e preparava-se para lhe responder, quando Macro esticou o pescoço e sibilou.

— Olha! Vão agir.

Um pouco à frente via-se o grande arco que dava entrada para a vasta esplanada exterior do Templo. A luz era ofuscante, e por um breve instante confundiu as silhuetas da multidão à sua frente, pelo que os olhos de Cato levaram algum tempo a reencontrar os encapuzados. Tinham passado todos para o mesmo lado da rua assim que tinham ultrapassado o arco, e agora dirigiam-se rapidamente para as mesas dos agiotas e dos cobradores de impostos, no centro do grande terreiro.

— Vamos. — Macro deu com os calcanhares no flanco da mula, fazendo o animal bramar. Toda a gente olhou na direcção do som e se apresou a sair da frente dos animais. — Segue-me.

— Espere! — Cato segurou-lhe o braço. — Está a assustar-se com sombras. Mal chegámos à cidade e já quer arranjar uma cena de pancada?

— Cato, estou-te a dizer, aqueles tipos estão a preparar alguma.

— Sabe lá. Não pode é entrar por ali adentro e esmagar quem se meter no caminho.

— Ora essa, porque não?

— Ia provocar um motim. — Cato deslizou da sela e esperou de pé ao lado da mula. — Se quer mesmo segui-los, então vamos a pé.

Macro lançou mais uma olhadela ao grupo suspeito.

— Seja. Optio!

Um gaulês alto e de face dura destacou-se da coluna e saudou Macro.

— Senhor?

— Toma as rédeas. Eu e o centurião Cato vamos dar um passeiozito.

— Um passeio, senhor?

— Isso mesmo. Espera por nós logo a seguir ao portão. Mas mantém os homens formados, para o caso de serem precisos.

O optio franziu o sobrolho.

— Precisos para quê, senhor?

— Alguma confusão. — Macro sorriu. — Que mais poderia ser? Cato, vamos. Antes que os percamos de vista.

Com um suspiro, Cato seguiu o amigo, juntando-se à grande corrente de corpos que desaguava na esplanada. Os homens que seguiam já estavam a alguma distância, ainda a dirigirem-se às bancas dos seus aparentes alvos. Os dois centuriões abriram caminho por entre a multidão, afastando sem cerimónia algumas pessoas e atraindo olhares de hostilidade e imprecações murmuradas.

— Romanos de merda... — Disse alguém, num grego com forte sotaque.

Macro estacou e rodou sobre os calcanhares.

— Quem é que disse isso?

A turba recuou perante a ameaça evidente na atitude do centurião, mas os olhares hostis não o largaram. Macro fixou-se num jovem alto e de ombros largos, cujos lábios mostravam bem o desprezo que nutria pelos estrangeiros.

— Ah, foste tu, não é verdade? — Macro sorriu, e acenou-lhe para que se aproximasse. — Vem cá, anda. Se te achas homem para isso.

Cato pegou-lhe no braço e puxou-o.

— Deixe-o em paz.

— Deixá-lo? — Macro fez um esgar de raiva. — Porquê? Aquele tipo precisa de umas lições em hospitalidade.

— Não, não precisa. — Insistiu Cato, calmamente. — As mentes e os corações, lembra-se? Foi o que nos disse o procurador. — Aproveitou para indicar as mesas com dinheiro. — Além disso, os seus amigos dos capuzes estão a escapar.

— Tens razão. — Macro voltou-se ainda uma última vez para o outro. — Judeu, atravessa-te outra vez no meu caminho, e será a última coisa que fazes.

O interpelado olhou-o cheio de desdém, e cuspiu no solo; Cato viu-se forçado a arrastar Macro dali para fora, antes que o veterano respondesse à letra. Moveram-se com rapidez, reduzindo a distância que os separava do grupo que continuava a abrir caminho por entre a multidão, dirigindo-se às bancas. Sendo mais alto do que o amigo, Cato não tinha dificuldade em mantê-los à vista, enquanto furavam por entre a exótica mistura de raças que preenchia a grande praça. No meio dos locais viam-se escuros idumeus e nabateus, muitos dos quais ostentavam turbantes a cobrir-lhes as cabeças.

Tecidos de todas as cores e padrões esvoaçavam por entre as pessoas, e inúmeras conversas em línguas desconhecidas enchiam o ar.

— Cuidado! — Avisou Macro, agarrando o braço do jovem e puxando-o, no momento preciso em que um camelo pesadamente carregado se lhe atravessou no caminho. A armação de madeira que o animal levava no dorso estava carregada de fardos de um tecido de textura fina. O camelo soltou um profundo bramido quando se desviou para evitar pisotear os dois romanos. Depois de o animal passar, Cato lançou-se de novo para a frente, mas logo estacou.

— Que se passa? — Quis saber Macro.

— Merda... Não os vejo. — Os olhos de Cato percorriam rapidamente a zona da multidão onde pela última vez tinha avistado o bando que seguiam. Mas não parecia haver sinais do grupo de encapuzados. — Devem ter tirado os capuzes.

— Oh, estupendo. — Resmungou Macro. — E agora?

— Vamos para junto dos cobradores de impostos. Era para lá que eles pareciam estar a ir.

Com Cato a mostrar o caminho, os dois centuriões dirigiram-se à mais próxima das bancas instaladas ao longo dos degraus que levavam ao patamar que rodeava as paredes do templo. As primeiras pertenciam aos banqueiros e usurários, que se sentavam em cadeiras almofadadas e assim conduziam os seus negócios, comodamente instalados. Logo a seguir havia uma secção mais pequena, onde esperavam os colectores de impostos e os seus musculosos ajudantes contratados, aguardando os pagamentos devidos de todos os que tinham sido taxados. Viam-se por ali grandes pilhas de tábuas enceradas onde estavam inscritos os detalhes respeitantes aos que deviam pagamento, nomes e montantes. O direito de impor taxas específicas tinha sido adquirido pelos cobradores em leilões, organizados para o efeito pelo procurador romano da província, na capital administrativa do território, Cesareia. Depois de terem pago uma quantia fixa aos cofres imperiais, tinham obtido a autoridade legal para impor as taxas que julgassem adequadas ao povo de Jerusalém, e portanto tentavam recolher a maior soma possível. O sistema era duro, mas assim era aplicado por todo o Império Romano, com o óbvio resultado de fazer dos cobradores de impostos uma classe social profundamente odiada e desprezada. O facto não deixava de agradar ao Imperador Cláudio e ao pessoal do tesouro imperial, já que este ódio se focava nos colectores provinciais, e não naqueles a quem estes tinham adquirido o direito de cobrar os impostos.

Uma explosão súbita de gritos e guinchos atraiu a atenção de Cato e Macro para a outra ponta da linha de bancas. Um grupo de homens tinha-se separado da multidão. O sol refulgiu numa lâmina, e Cato aperce-

beu-se de que todos eles estavam armados; entretanto, o bando rodeava um dos cobradores como uma alcateia prestes a abater a presa. O guarda-costas olhou uma vez para as lâminas dos assaltantes, virou-se e desapareceu sem perda de tempo. O cobrador lançou as mãos para o rosto, numa tentativa de se proteger, mas depressa desapareceu de vista, quando o bando se lançou sobre ele. A mão de Cato dirigiu-se automaticamente ao punho da espada, enquanto corria pelas traseiras das bancas.

— Vamos, Macro!

Ouviram-se o som da espada de Macro a ser desembainhada, enquanto os dois centuriões corriam para os assassinos, empurrando quem surgia pelo caminho e saltando sobre as pilhas de registos dos agiotas. Cato viu como os atacantes se afastavam finalmente do cobrador, prostrado sobre a sua mesa, a túnica branca enxovalhada e ensanguentada. À frente da banca a multidão recuava, e muita gente gritava de horror e tentava fugir. Os atacantes, que no instante anterior ainda tinham os capuzes a disfarçar-lhes as feições, avançaram sobre os ocupantes da banca seguinte. Estes tinham primeiro ficado paralisados pela surpresa e pelo medo, mas já se tinham apercebido do perigo que corriam e tentavam desesperadamente escapar aos homens que brandiam as lâminas curtas e curvas que davam nome ao grupo a que pertenciam: os sicários. Assassinos, das franjas mais extremistas dos zelotas que resistiam ao domínio romano.

Os sicários estavam tão concentrados na sua macabra tarefa que só se aperceberam da presença de Cato e Macro no último momento; um deles levantou o olhar no preciso instante em que Cato afastava um dos cobradores e saltava em frente de espada em riste e expressão determinada. A ponta da espada do centurião atingiu o adversário na parte lateral do pescoço, sofreu um desvio na ossadura e mergulhou profundamente no peito, trespassando-lhe o coração. O homem tombou imediatamente para a frente, com um suspiro, quase arrancando a lâmina das mãos do jovem. Apoiando a bota no corpo do oponente, Cato lançou-o para trás e recuperou a espada, agachando-se de imediato, em busca de novo adversário. Mal deu pela passagem de Macro, uma mancha de cor e movimento, golpeando o braço do sicário mais próximo e quase o amputando. O homem caiu, uivando de dor e largando a arma que empunhava. Os outros abandonaram de imediato o cobrador que estavam a massacrar e viraram-se para enfrentar os dois romanos. O líder do bando, um tipo atarracado de ombros largos, berrou uma ordem, e os seus homens espalharam-se de imediato, alguns rodeando as bancas, outros movimentando-se de forma a cortar a retirada aos centuriões. Enquanto olhava em volta, Cato manteve a ensanguentada ponta da sua espada bem levantada.

— Eles são sete.

— Isso é mau. — Macro ofegava quando assumiu a posição mais aconselhada, costas com costas com Cato. — Miúdo, não nos devíamos ter enfiado nesta situação.

A multidão tinha debandado para o portão, deixando um largo espaço vazio em redor dos dois romanos e dos assassinos. O pavimento do pátio estava coberto de pedaços de comida e de cestas abandonadas, que as pessoas tinham deixado para trás ao fugir em pânico.

Cato lançou uma gargalhada amarga.

— A ideia foi sua, lembra-se?

— Para a próxima, não me deixes ter ideias deste género.

Antes que Cato conseguisse responder, o chefe dos sicários lançou nova ordem, e os homens começaram a aproximar-se rapidamente, de lâminas preparadas. Não havia qualquer saída para os romanos, e Cato agachou-se ainda mais, os membros tensos e os olhos a saltarem de um adversário para outro, enquanto estes prosseguiram no avanço e já estavam a menos do que o comprimento de uma lança.

— E agora? — Murmurou, quase para si mesmo.

— Foda-se, faço lá ideia.

— Boa. Precisamente o que eu queria ouvir.

Notou um movimento lateral, e virou-se mesmo a tempo de reparar no salto de um dos atacantes que tentava atingir o flanco de Macro.

— Cuidado!

Mas Macro já estava em movimento, transformando a lâmina que empunhava numa faixa de luz que descreveu um arco e desarmou o atacante. Antes mesmo que a lâmina atingisse o solo, outro dos sicários fez menção de avançar, obrigando Cato a virar-se para ele, pronto a deter o golpe. Em resposta, outro dos oponentes movimentou-se, a ponta da faca a agitar-se no ar. Cato mal se conseguiu reposicionar para enfrentar a nova ameaça. Com a mão livre empunhou a adaga que levava ao cinto, uma arma de lâmina larga e pouco ágil em comparação com as finas lâminas dos sicários, mas que ainda assim o fez sentir-se melhor. O chefe dos sicários deu nova ordem, e Cato apercebeu-se claramente da raiva contida na sua voz. Queria aquilo terminado e depressa.

— Macro! — Gritou Cato. — Siga-me! Vamos atacar!

Lançou-se sobre os adversários, seguido pelo amigo, que berrava a toda a força dos pulmões. A súbita inversão de papéis surpreendeu os sicários, que recuaram antes de se deterem por um instante vital. Cato e Macro investiram sobre os homens mais próximos, fazendo-os saltar para o lado e permitir assim a passagem dos dois romanos, que desataram a correr para a entrada do grande pátio. Atrás deles ouviu-se um grito de fúria, seguido pelo som abafado das sandálias dos homens que se tinham lançado na sua

perseguição. Cato olhou de relance para trás e percebeu que Macro o seguia de perto, mas poucos passos à frente do líder dos sicários, que corria atrás dos romanos com lábios arregalados num esgar de ódio. Apercebeu-se de imediato de que não lhe conseguiriam escapar. O equipamento pesado que envergavam atrasava-os, e os sicários vestiam apenas túnicas. Em pouco momentos tudo estaria terminado. Reparou então numa ânfora mesmo à sua frente, que alguém abandonara na pressa de sair do pátio. Saltou sobre ela e deteve-se, virando-se para trás. Macro saltou também, com uma expressão de surpresa no rosto, passando por ele no preciso momento em que Cato abatia a espada sobre a ânfora, estilhaçando-a. O conteúdo do recipiente espalhou-se em golfadas pelas lajes, enquanto um odor a azeite preenchia o ar. Cato virou-se e seguiu Macro, olhando sobre o ombro mesmo a tempo de ver o líder dos sicários escorregar, deslizar e perder o equilíbrio até cair no solo com estrépito. Dois dos homens que vinham logo atrás dele também escorregaram, mas os outros desviaram-se da mancha oleosa e continuaram a perseguir os romanos. Cato reparou que já estavam perto dos retardatários da multidão em fuga: velhos, aleijados e um punhado de crianças pequenas que gritavam de medo.

— Vamos a eles! — Gritou para Macro, enquanto se detinha com esforço e se virava para enfrentar os perseguidores. No momento seguinte, o amigo estava a seu lado. Os sicários prosseguiram no seu avanço antes de se deterem também, olhando furiosos para lá de Macro e Cato. Rodaram de imediato sobre os calcanhares e voltaram para junto do líder e dos homens que tinham escorregado, dirigindo-se todos rapidamente para uma porta lateral na extremidade mais distante do pátio do Templo.

— Cobardes! — Gritou-lhes Macro. — Qual é o vosso problema? Não têm tomates para uma luta a sério? — Gargalhou, e lançou o grosso braço sobre os ombros de Cato. — Olha para eles a fugir. Que nem coelhos. Se nós os dois chegamos para assustar um grupo destes, parece-me que não vamos ter muito com que nos preocupar durante esta estadia na Judeia.

— Não fomos só nós os dois. — Cato acenou na direcção da multidão; o olhar de Macro seguiu o gesto do jovem, mostrando-lhe que o optio conduzia a formação de auxiliares por entre a turba, acorrendo em auxílio aos seus oficiais.

— Atrás deles! — Berrou o optio, esticando o braço na direcção dos fugitivos.

— Não! — Contrariou Cato. — Não vale a pena. Já não os conseguimos apanhar.

Mal tinha acabado de falar quando os sicários alcançaram o portão e desapareceram de vista. O optio encolheu os ombros e não tentou disfarçar o ressentimento. Cato percebia como ele se sentia, e sentiu-se levado

a justificar a sua posição. Mas parou a tempo. Tinha dado uma ordem, e nada mais havia a explicar. Não valia a pena permitir que os auxiliares se lançassem numa perseguição infrutífera e perigosa pelas estreitas ruas de Jerusalém. Ao invés, Cato apontou para as bancas derrubadas e para as vítimas dos sicários, umas mortas, outras feridas.

— Façam o que puderem por eles.

O optio fez a saudação regulamentar, reagrupou os homens, e foi ocupar-se da confusão que reinava na área ocupada pelos cobradores. Cato sentia-se exausto, depois de toda aquela actividade. Guardou a espada e a adaga e inclinou-se para a frente, apoiando as mãos por cima dos joelhos.

— Bem jogado, ali atrás. — Macro sorriu e apontou para a ânfora de azeite escaqueirada com a ponta da espada. — Salvou-nos a pele.

Cato abanou a cabeça e respirou fundo, antes de responder.

— Acabámos de chegar à cidade... Porra, ainda nem chegámos ao nosso posto, e já quase nos cortavam os pescoços.

— Umas boas-vindas para não esquecer. — Macro fez uma careta. — Sabes, começo a perguntar-me se o procurador não estava a gozar conosco.

Cato olhou-o com uma expressão inquisidora.

— Corações e mentes. — Macro abanou a cabeça. — Fico com a nítida sensação de que os indígenas não apreciam lá muito a ideia de fazerem parte do Império Romano.



II

— Corações e mentes? — O centurião Floriano riu com vontade, enquanto servia água aromatizada com limão aos dois recém-chegados, e fazia deslizar as taças sobre o tampo de mármore da secretária. Os seus aposentos ficavam numa das torres da maciça fortaleza de Antónia, edificada por Herodes, o Grande, e baptizada em honra do seu patrono, Marco António; era agora guarnecida pelas tropas romanas encarregadas da vigilância de Jerusalém. Da estreita varanda do gabinete possuía uma magnífica vista sobre o Templo e a cidade velha. Os gritos da multidão em pânico tinham-lhe chamado a atenção, e dali observara a escaramuça em que Macro e Cato se tinham visto metidos. — Corações e mentes. — Repetiu. — O procurador disse mesmo isso?

— Disse. — Confirmou Macro. — E disse mais. Um brilhante discurso sobre a importância de manter boas relações com os judeus.

— Boas relações? — Floriano abanou a cabeça. — Essa é mesmo para rir. Não podemos ter boas relações com gente que nos odeia profundamente. Esta malta não hesitaria em espetar-nos uma faca nas costas assim que nos virássemos. Esta porra desta província é um desastre, é o que é. Sempre foi, aliás. Mesmo no tempo em que permitimos que Herodes e os seus herdeiros a governassem.

— A sério? — Cato inclinou ligeiramente a cabeça. — Não é isso que se diz em Roma. Pelo que ouvi, a situação na província estava a melhorar a olhos vistos. Pelo menos, é essa a posição oficial.

— Claro, isso é o que eles dizem às pessoas. — Floriano fungou. — A verdade é que apenas controlamos as cidades e povoações principais. As vias de comunicação entre elas são o reino de bandidos e assaltantes. E mesmo as aldeias estão repletas de facções políticas e religiosas que se digladiam na tentativa de obter influência sobre o povo. O facto de haver inúmeros dialectos não ajuda nada; para terem uma ideia, a única língua comum é o grego, e mesmo assim poucos o falam. Não passa um mês sem

que haja problemas entre os idumeus e os samaritanos, ou outros quaisquer. Isto escapa por completo ao nosso controlo. Aquele bando com que vocês andaram agora mesmo à pancada na esplanada do Templo é um dos muitos que aluga os seus serviços à facção política que mais oferecer. Usam estes sicários para eliminar rivais, ou para marcar uma posição — como na manifestação a que assistiram.

— Chamas àquilo uma manifestação? — Macro sacudiu a cabeça, descrente. — Foi só para marcar uma posição política? Bem, nem quero pensar em meter-me numa briga a sério com aqueles tipos.

Floriano sorriu brevemente, e prosseguiu.

— Como é evidente, lá de Cesareia os procuradores raramente vêm as coisas assim. Deixam-se estar de cuzinho assente e mandam directivas para o pessoal que está no terreno, como eu, de forma a garantir que os impostos são pagos. E quando lhes mando relatórios a descrever o estado miserável da situação, eles arquivam-nos e mandam dizer a Roma que estão a fazer grandes progressos na melhoria da situação na solarenga província da Judeia. — Abanou a cabeça. — Bom, também não se pode censurá-los. Se relatassem a verdade, tornar-se-ia evidente que não dominavam a situação. O Imperador substituí-los-ia de imediato. Portanto, esquece tudo o que te disseram em Roma. Muito francamente, duvido que alguma vez consigamos dominar estes judeus. Todas as tentativas de os romanizar falharam mais depressa do que a merda escorre por um cano húmido.

Cato cerrou os lábios.

— Mas o novo procurador, Tibério Júlio Alexandre, é um judeu, e deu-me a impressão de ser mais romano do que a maior parte dos romanos que conheço.

— É claro. — Sorriu Floriano. — Vem de uma família abastada. Suficientemente abastada para ter sido criado e educado por tutores gregos numa academia romana e dispendiosa. E depois disso alguém tratou de o estabelecer numa florescente carreira comercial em Alexandria. Ficou rico, grande surpresa... E o bastante para entrar para o círculo do Imperador... E dos seus libertos. — Pigarreou. — Imaginem, já passei eu mais tempo nesta terra do que ele. Portanto, podem ver o género de judeu. O procurador pode ter enfiado o barrete ao Cláudio, e ao seu omnipresente secretário Narciso, mas o pessoal por aqui não se deixa enganar tão facilmente. Foi sempre esse o problema. Desde o princípio, desde que fizemos Herodes rei. Típica diplomacia imperial: uma solução única para todos os problemas. Lá porque conseguimos impor um rei e uma elite dirigente noutras terras, pensámos que isso também ia resultar por cá. Bom, não resultou.

— E porque não? — Interrompeu Macro. — O que é que a Judeia tem de tão especial?

— Pergunta-lhes! — Floriano indicou a varanda com um gesto da mão. — Oito anos já eu passei aqui, e não me lembro de um único desses tipos a quem possa chamar amigo. — Fez uma pausa para sorver um gole, e pousou a taça com uma sonora pancada. — Esquece lá essa ideia de lhes conquistar os corações e as mentes. Não vai acontecer. Odeiam todos os *Kittim*, como nos chamam. A nossa única opção é agarrá-los pelos tomates e pendurá-los pelos ditos até vomitarem o dinheiro dos impostos que nos devem.

— Muito pitoresco. — Macro encolheu os ombros. — Faz-me pensar naquele sacana do Gaio Calígula. Como é que ele costumava dizer, Cato?

— Que me odeiem, desde que sobretudo me temam...

— Isso mesmo! — Macro deu uma palmada no tampo da mesa. — Porra, isso é que é um conselho, mesmo vindo de um doido varrido como ele. Parece-me que é a melhor maneira de tratar desta malta, se são assim tão difíceis.

— Acreditem em mim. — Retorquiu Floriano, sem humor. — São tão intratáveis como vos disse. Ou piores ainda. Cá para mim, a culpa é daquela arrogante religião deles. O menor desrespeito à fé desta gente e aí estão eles pelas ruas, a armar confusão. Há uns anos, na altura da Páscoa dos Judeus, um dos soldados espetou o traseiro por cima da muralha e mandou uns peidos para a multidão. Uma típica piada grosseira da soldadesca, para mim e para vocês, mas não para eles. Dezenas de baixas depois, tivemos de lhes entregar o desgraçado para ser executado. O mesmo com um optio numa aldeola qualquer para as bandas de Cafarnaum, que teve a infeliz ideia de queimar os livros sagrados, para lhes dar uma lição. Quase se deu uma revolta geral. Também tivemos de lhes entregar o optio, que foi despedaçado pela multidão. Foi a única forma de recuperar alguma ordem. Aviso-vos, estes tipos não estão dispostos ao menor compromisso no que toca à religião. Por isso é que aqui as coortes não têm estandartes, e não há imagens do Imperador. Olham de soslaio para o resto do mundo e agarram-se à ideia de que foram escolhidos para um propósito especial. — Floriano soltou uma gargalhada. — Quer dizer, olhem para isto. Uma espolunca poeirenta, perdida no cu do mundo. Parece-vos realmente a morada de um povo eleito?

Macro olhou de relance para Cato e encolheu os ombros.

— Talvez não.

Floriano encheu de novo a taça com água, sorveu um trago e voltou a observar atentamente os visitantes.

— Estás a perguntar a ti mesmo o que fazemos nós aqui. — Cato sorriu.

Foi a vez de Floriano encolher os ombros.

— A questão já me passou pela cabeça. Até porque tenho muitas dúvidas de que o Império possa dispensar dois centuriões para conduzirem uma coluna de recrutas aos seus novos postos. Portanto, se não se importam que eu seja directo, o que estão vocês aqui a fazer?

— Não te vimos substituir. — Respondeu Macro, sorrindo. — Desculpa lá, meu caro, mas isso não está nas nossas ordens.

— Ora porra.

Cato tossiu.

— Ao que parece, os gabinetes imperiais não estão assim tão mal informados da situação na Judeia como tu pensas.

Floriano arqueou as sobrancelhas.

— Ah, sim?

— O secretário imperial tem recebido alguns relatórios preocupantes dos seus agentes nesta região do Império.

— A sério? — Floriano manteve o olhar fixo em Cato, sem mostrar qualquer expressão no rosto.

— O que foi mais do que suficiente para pôr em causa os relatórios do procurador. E o fez enviar-nos. Narciso quer uma avaliação da situação feita por outros olhos. Já falámos com o procurador, e quer-me parecer que tens razão quanto a ele. Não se pode dar ao luxo de ver as coisas como elas são. O seu pessoal sabe muito bem em que pé estão as coisas, mas também sabe que Alexandre não fica nada satisfeito com ideias que contrariem a versão oficial. Por isso é que precisávamos de falar contigo. Sendo o chefe dos agentes de Narciso na região, és com certeza quem está melhor colocado para nos passar informação nova.

Seguiu-se um silêncio breve e tenso, até que Floriano fez um quase imperceptível gesto de assentimento.

— Assim é. Espero que não tenham mencionado tal facto ao procurador.

— Por quem nos tomas? — Reagiu Macro, pouco agradado com a insinuação.

— Centurião, não te quero insultar, mas tenho de ser muito cauteloso quanto à minha verdadeira função nesta terra. Se esse dado chegasse aos ouvidos dos movimentos de resistência locais, estaria a servir de alimento aos abutres antes que o dia terminasse. Mas só depois de me torturarem até revelar os nomes dos meus agentes, claro. Podem com certeza apreciar a necessidade de me assegurar de que o meu segredo está protegido.

— Connosco, esse segredo não corre qualquer perigo. — Assegurou Cato. — Nenhum. Se assim não fosse, Narciso não no-lo teria confiado.

Floriano aquiesceu.

— É certo... Bem, então, o que posso fazer por vós?

Com a atmosfera limpa de suspeitas, Cato sentiu que podia falar abertamente.

— Uma vez que a maior parte da informação que Narciso recolheu provém da tua rede, as suas principais preocupações não te devem ser estranhas. A maior ameaça parece vir da Pártia.

— E isso não é propriamente novidade. — Juntou Macro. — Desde que Roma tem interesses no Oriente que tem tido que se haver com esses cabrões.

— Sim, é isso. — Prosseguiu Cato. — Mas o deserto serve de obstáculo natural entre Roma e a Pártia. E permitiu-nos gozar uma paz relativa nesta fronteira nos últimos cem anos. Porém, a velha rivalidade ainda aí anda, e ao que parece os partos resolveram avançar na frente política, em Palmira.

— Sim, já ouvi essa. — Floriano coçou o queixo. — Um dos mercadores que leva caravanas até lá está a meu soldo. Disse-me que os partos estão a tentar criar dissensão na casa real de Palmira. O rumor é que prometeram o trono ao príncipe Artaxas, se ele aceitar aliar-se à Pártia. Claro que ele o nega, e o rei não se atreve a agir contra ele sem ter provas concretas, por receio de antagonizar os outros príncipes.

— Foi o que Narciso nos disse. — Confirmou Cato. — Mas se Palmira cair nas suas mãos, os partos poderão levar os seus exércitos mesmo até à fronteira com a província da Síria. Nesta altura estão três legiões em Antioquia. Estão a ser feitos preparativos para enviar mais uma para lá, mas aí é que está o problema.

Tinham chegado ao limite do que Floriano sabia sobre a situação, pelo que este olhou para Cato, expectante.

— Qual problema?

Instintivamente, Cato baixou o tom da voz.

— Cássio Longino, o governador da Síria.

— O que há com ele?

— Narciso não confia nele.

Macro soltou uma gargalhada.

— Narciso não confia em ninguém. Bom, verdade seja dita, também ninguém no seu perfeito juízo confiaria nele.

— Seja como for. — Prosseguiu Cato. — Parece que Cássio Longino tem alguns contactos com os elementos que se opõem ao Imperador, lá em Roma.

Floriano levantou o olhar.

— Estás a falar daqueles trastes que se auto-intitulam os Libertadores?

— É claro. — Cato lançou um sorriso sinistro. — Um deles caiu nas mãos de Narciso, há uns meses. Antes de morrer revelou alguns nomes, entre eles o de Longino.

Floriano franziu o cenho.

— As minhas fontes em Antioquia não me disseram nada sobre ele. Nada de suspeito. E já me encontrei com ele algumas vezes. Francamente, não me parece desse género. É demasiado prudente para se arriscar sozinho.

Macro sorriu.

— Ter três legiões a proteger-lhe as costas faz maravilhas pela espinha de um homem. Se forem quatro, melhor ainda. Ter um poderio desse tipo à sua disposição é capaz de inspirar a ambição de qualquer um.

— Não o suficiente para o levar a enfrentar o resto do Império. — Contrapôs Floriano.

Cato assentiu.

— É verdade, pelo menos por agora. Mas imagina que o Imperador se via forçado a reforçar as tropas na região, e a enviar para cá mais algumas legiões? Não apenas por causa dos partos, mas também para abafar uma revolta na Judeia.

— Mas não há nenhuma revolta por aqui.

— Por enquanto, não. Contudo, como tu mesmo mencionaste, o ambiente está longe de ser harmonioso. Não seria preciso muito para levar a uma rebelião aberta. Lembra-te do que aconteceu quando Calígula ordenou que lhe fosse erigida uma estátua em Jerusalém. Se ele não tivesse sido morto antes dos trabalhos começarem, todos os homens desta terra se teriam erguido contra Roma. Quantas legiões teriam sido precisas para controlar um tal levantamento? Outras três? Quatro, se calhar? Com as legiões da Síria, já seriam umas sete. Com tamanha força ao seu dispor, um homem podia abalançar-se ao manto púrpura. Lembra-te das minhas palavras.

Deu-se um longo silêncio, enquanto Floriano considerava as palavras de Cato; depois, voltou a encarar o jovem centurião.

— Estás a sugerir que Longino pode mesmo fomentar uma revolta? Só para ter acesso a mais legiões?

Cato encolheu os ombros.

— Talvez sim, talvez não. Ainda não tenho a certeza. Digamos que, para Narciso, é uma perspectiva verdadeiramente preocupante, de tal forma que resolveu enviar-nos para investigar.

— Mas isso é absurdo. Uma revolta levaria à morte de milhares... Não, de dezenas de milhares de pessoas. E se Longino estiver a pensar em usar as legiões para chegar ao palácio em Roma, isso é o mesmo que deixar as províncias orientais indefesas.

— Os partos entravam por aqui adentro num instante. — Macro aproveitou para comentar, e logo ergueu as mãos à laia de desculpa ao ver as expressões irritadas dos outros dois.

Cato clareou a garganta.

— É verdade. Mas nesse caso, Longino estaria a fazer a mais alta das apostas. Se isso significasse tornar-se Imperador, não se importaria de todo de perder as províncias orientais.

— Se for esse o plano dele. — Respondeu Floriano. — Francamente, parece-me um grande se.

— De facto. — Concedeu Cato. — Mas não deixa de ser uma possibilidade que tem de ser considerada. Narciso assim pensa, pelo menos.

— Desculpa-me, jovem, mas há muitos anos que trabalho para Narciso. Tem uma certa inclinação para ter medo da própria sombra.

Cato voltou a encolher os ombros.

— Nada disso diminui o risco que Longino representa.

— Mas como pensas tu que ele pode fazer desencadear uma revolta? É essa a chave da situação. Se a revolta não se der, não terá as suas legiões, e sem elas nada conseguirá.

— Portanto, precisa mesmo de uma. Imagine-se a sorte dele, então, quando há aqui pela Judeia alguém que jurou levar a povoação a um motim.

— Do que é que estás a falar?

— Há um tipo, um cananeu chamado Bano. Suponho que já ouviste esse nome.

— É claro. É um salteador sem importância. Vive algures nas colinas a leste do Jordão. Tem atacado os viajantes e as aldeias do vale, além de assaltar de vez em quando uma das propriedades e uma ou outra caravana a caminho da Decápole. Mas está longe de ser uma ameaça séria.

— Achas?

— Não tem mais do que umas centenas de seguidores. Uns montanhesez mal armados, e uns tantos foragidos às autoridades de Jerusalém.

— Ainda assim, de acordo com os teus últimos relatórios, as suas forças aumentaram, as suas acções tornaram-se mais ambiciosas e, ao que parece, até começou a espalhar que era líder por escolha divina. — Cato franziu o sobrolho. — Qual era o termo?

— *Mashiah*. — Adiantou Floriano. — É isso que os locais lhes chamam. De poucos em poucos anos aparece um chanfrado que se proclama abençoado, aquele que há-de libertar o povo da Judeia do jugo de Roma, e o há-de levar a conquistar todo o mundo.

Macro abanou a cabeça.

— Um jovem ambicioso, esse Bano.

— Não é o único. São quase todos assim. — Contrapôs Floriano. — Aguentam-se uns mesitos, reúnem uma multidão de seguidores maltrapilhos, até que acabamos por ter que chamar a cavalaria, que vem lá de Cesareia, parte umas cabeças e crucifica os instigadores. Os seguidores evaporam-se num instante, e voltamos a ter de nos preocupar apenas com o habitual punhado de fanáticos anti-romanos com as suas tácticas terroristas.

— Isso já nós percebemos. — Comentou Macro. — E olha que não havia nada de amador naquela acção.

— Hás-de te habituar. — Com um gesto da mão, Floriano mostrou a pouca importância que dava ao sucedido. — Está sempre a acontecer. O costume é que eles se atirem ao seu próprio povo, aos que acusam de colaborar com Roma. Normalmente é um assassinio discreto algures numa rua escura, mas quando os alvos são mais difíceis, os sicários não hesitam em recorrer a ataques suicidas.

— Merda. — Resmungou Macro. — Ataques suicidas? Mas que tipo de lunáticos é que têm por cá?

Floriano limitou-se a encolher os ombros.

— Levas todo um povo ao desespero, e sabes lá os horrores de que ele é capaz. Daqui a uns meses hás-de perceber o que quero dizer.

— Já só me apetece é sair desta província.

— A seu tempo. — Cato tentou animar o amigo com um sorriso fugaz. — Esse tal Bano. Dizes que ele opera na outra margem do Jordão.

— Isso mesmo.

— Na zona do forte de Bushir?

— Sim, e então?

— É o forte onde está estacionada a Segunda Coorte Ilírica, sob o comando do prefeito Escrofa.

— De facto. E daí?

— Bom, a nossa história é que fomos enviados para substituir o Escrofa. Macro deverá assumir o comando da coorte, e eu serei o sub-comandante.

Floriano franziu o sobrolho.

— Porquê? Para que raio servirá isso?

— Creio que o prefeito Escrofa foi nomeado por uma ordem directa de Longino?

— É certo que ele veio de Antioquia. Mas isso não tem nada de estranho. Por vezes é preciso um novo comandante, e não há tempo de pedir instruções a Roma.

— O que aconteceu ao comandante anterior?

— Foi morto. Numa emboscada, quando conduzia uma patrulha pelas colinas. Pelo menos, foi o que o ajudante escreveu no relatório.

— Muito conveniente. — Cato sorriu. — Mas o facto de o nome desse ajudante ter sido mencionado pela mesma pessoa que avisou Narciso quanto a Longino parece-me bastante intrigante, pelo menos a mim.

Por momentos Floriano não conseguiu reagir.

— Não estás a falar a sério, pois não?

— Nunca falei tão a sério.

— Mas qual é a ligação a Longino?

Macro sorriu.

— É isso que estamos aqui para descobrir.

O centurião Floriano chamou um soldado e pediu que trouxessem vinho.

— Parece-me que estou a precisar de uma coisa mais forte. Vocês os dois estão a começar a assustar-me. Há aqui mais do que vocês me querem dizer.

Macro e Cato trocaram um rápido olhar, e o veterano assentiu com um leve gesto de cabeça.

— Vá, explica-lhe. Conheces a história melhor do que eu.



III

Cato manteve-se calado por alguns instantes, enquanto relembrava os acontecimentos; encetou por fim a narrativa, contando ao outro centurião o que se passara três meses antes, nos fins de Março, quando se encontrara com Narciso no palácio imperial. Antes disso, Macro e Cato tinham passado vários meses a treinar recrutas para as coortes urbanas, as unidades que policiavam as ruas de Roma. Os recrutas eram o tipo de homens que nunca seriam escolhidos para as legiões, e os dois centuriões tinham-se esforçado para os pôr em forma. Tinha sido uma tarefa inglória, mas por muito que Cato desejasse voltar ao serviço activo, a convocatória do secretário imperial só lhe trouxera premonições aziagas.

A última missão em que Narciso os tinha enviado tinha sido uma operação quase suicida para recuperar uns rolos de pergaminhos, vitais para a segurança do Império, e que se encontravam na posse de um bando de piratas que se dedicavam ao saque dos navios que passavam junto à costa da Ilíria. Os documentos tinham sido elaborados pela Sibila de Delfos, e completavam um conjunto de profecias sagradas que, supostamente, descreviam com algum detalhe o futuro de Roma e o seu destino final. Como era evidente, o braço direito do Imperador tinha sentido uma absoluta necessidade de se apoderar de tal tesouro, como forma de proteger o seu senhor e o Império que servia. Cato e Macro tinham recebido a posição de instrutores em Roma como ‘recompensa’ por terem encontrado os pergaminhos e os terem entregue a salvo nas mãos do secretário imperial. Quando o mensageiro de Narciso chegara à caserna, Macro estava de licença, pelo que Cato se apresentara sozinho, ao fim da tarde, enquanto a escuridão se espalhava pelas imundas ruas da cidade.

Quando Cato chegara ao complexo do palácio imperial, tinha acabado de rebentar sobre Roma uma tempestade de Primavera. Foi conduzido aos aposentos de Narciso e depois levado ao seu gabinete de trabalho por um dos impecavelmente apresentados servos. Entregou ao homem a sua

capa ensopada, antes de atravessar a sala e tomar assento na cadeira que Narciso lhe indicava. Por trás do secretário imperial havia uma janela com painéis de vidro, através dos quais mal se via uma cidade distorcida. Nuvens negras percorriam o céu, iluminadas de quando em vez por um relâmpago ofuscante que oferecia um instantâneo da urbe a branco e preto, como que parada no tempo; porém, depressa a visão se desvanecia e Roma voltava a mergulhar nas sombras.

— Estás repousado, espero? — Narciso tentou demonstrar algum interesse. — Já passaram uns meses desde a campanha contra os piratas.

— Tenho-me mantido em forma. — Respondeu Cato, prudentemente. — Estou pronto a regressar ao activo. Tal como o Macro.

— Bom. Isso é óptimo. — Concordou Narciso. — E onde anda o meu bom amigo, o centurião Macro?

Cato lutou para abafar uma exclamação. Só o pensamento de que Macro e aquele efeminado burocrata pudessem ser considerados amigos atingia os píncaros do ridículo, era quase sublime. Clareou a garganta.

— Está de licença. Foi a Ravena ver a mãe. Ela ainda não conseguiu ultrapassar a perda que sofreu.

Narciso mostrou-se surpreso.

— Perda?

— O homem dela foi morto no decorrer do ataque final contra os piratas.

— Oh, lamento. — Comentou Narciso, sem qualquer emoção. — Quando o voltares a encontrar, transmite-lhe o meu pesar. Antes de assumirem a nova tarefa que vos designei.

Cato sentiu-se paralisado pelo sentimento de inevitabilidade que o invadiu assim que compreendeu que o secretário imperial tinha novos planos para ele.

— Não compreendo. — Disse. — Pensava que eu e o Macro só estávamos à espera de colocação numa legião.

— Ah, sim, mas as coisas alteraram-se. Ou melhor, surgiu uma nova situação.

— A sério? — Cato sorriu sem vontade. — E que tipo de situação é essa?

— Aqueles pergaminhos que vocês recuperaram... Tenho-os estudado cuidadosamente, e parece-me que descobri algo de muito interessante. — Fez uma pausa. — Não. Interessante, não. Assustador é o termo... Como podes imaginar, concentrei-me nas profecias relacionadas com o futuro imediato, e dei com algo que me afectou profundamente. É que as sementes que poderão levar à queda de Roma estão neste preciso instante a ser semeadas.

— Deixa-me adivinhar... Uma praga de cobradores de impostos?
— Cato, não te armes em engraçado. Deixa isso para o Macro, tem mais jeito.

— Mas não está cá.

— Uma pena. E agora, posso continuar?

Cato encolheu os ombros.

— Com certeza.

Narciso inclinou-se para a frente, juntou as palmas das mãos e usou-as para apoiar o queixo, antes de começar.

— Havia uma passagem no texto que previa que, no oitavo século após a fundação de Roma, um grande poder surgiria a leste. Nasceria um novo reino que acabaria por destruir completamente Roma, e erigir uma nova capital sobre as suas ruínas.

Cato fungou, mostrando a pouca importância que dava à profecia.

— Não há profeta louco nas ruas de Roma que não apregoe uma história desse género.

— Espera. Esta é bastante mais específica. Diz que esse novo império emergirá da Judeia.

— Nada que não tenha já ouvido uma dúzias de vezes. Não passa um ano sem que os judeus encontrem um novo grande líder, capaz de derrotar Roma e de os devolver à liberdade. E se eu oiço falar desses tipos, outros ouvirão, com toda a certeza.

— Por certo. Mas surgiu entre eles uma nova seita que me despertou a atenção. Tenho nesta altura agentes a investigá-la. Parece que são seguidores de um homem que se proclamou um género de divindade. Ou pelo menos, segundo os meus homens, é isso que os seus seguidores proclamam. Disseram-me que, na realidade, era filho de um artesão de uma aldeia qualquer. Chamava-se Jehoshua.

— Chamava-se? O que lhe sucedeu?

— Os sacerdotes de Jerusalém acusaram-no de instigar à desobediência. Insistiram numa condenação à morte, mas não tiveram coragem de o executar eles mesmos, pelo que o nosso procurador teve que lhes fazer a vontade. O problema é que, como acontece geralmente com estes profetas, o tipo era francamente carismático. De tal modo que os que o acompanhavam conseguiram atrair imensos seguidores desde a sua morte, há uns anos. Ao contrário de outras seitas, esta promete aos que se lhe juntam um tipo qualquer de vida eterna depois da morte. — Narciso sorriu. — Estás a ver a atracção.

— Talvez. — Murmurou Cato. — Mas a mim não me parece mais do que a habitual patranhice religiosa.

— Meu caro jovem, concordo absolutamente contigo. Mas isso não parece impedir esta gente de conquistar novos seguidores.

— E porque não esmagá-los, simplesmente? Fazer dos seus líderes proscritos?

— Tudo a seu tempo. Será feito, quando se tornar necessário.

Cato soltou uma gargalhada.

— Está a dizer que esta gente ameaça destruir Roma?

— Não. Pelo menos por agora. Mas vamos mantê-los debaixo de olho. Se eu achar que são eles a ameaça referida nos pergaminhos, então serão... removidos.

Era típico do sujeito falar por eufemismos, reflectiu Cato. Por instantes não sentiu nada a não ser desprezo, mas ocorreu-lhe então que a utilização daquela perspectiva talvez fosse a única forma de o secretário imperial conseguir desempenhar as suas funções. No fim de contas, muitas das decisões tomadas por Narciso resultavam em mortes. Necessárias, talvez, mas não menos definitivas. Opositores ao Imperador lançados para o esquecimento graças a uma assinatura num documento. Que peso não teria tal gesto numa consciência? E como seria mais fácil ver esses acontecimentos como problemas resolvidos, em vez de um rasto de cadáveres a marcar um trajecto pessoal. Tudo isto, evidentemente, partindo do princípio de que o homem tinha uma consciência susceptível de perturbação em face das decisões de vida e morte que tomava quotidianamente, pensou Cato. E se não fosse esse o caso? E se os eufemismos não passassem de uma questão de estilo, de retórica? O jovem estremeceu. Nesse caso, Narciso seria uma criatura sem qualquer ética. E o ideal de Roma não passaria de um edifício vazio, centrado na pura e crua ganância e sede de poder dos poucos que constituíam a elite. Tentou afastar esses pensamentos e focar as ideias na questão em análise.

— Pensava que não tinha grande fé nessas profecias?

— Normalmente, não tenho. — Admitiu Narciso. — Mas aconteceu que, no preciso dia em que li sobre essa suposta ameaça a Roma, me chegou às mãos um relatório particularmente perturbador, compilado a partir de informações recolhidas pelos meus agentes nas províncias orientais. Aparentemente, está a ocorrer uma confluência de ameaças na região. Em primeiro lugar, os seguidores desse tal Jehoshua estão divididos. Uma das facções, que ao que parece até tem adeptos em Roma, apregoa um pacifismo inacreditável. Podemos viver com isso. Que tipo de perigo pode surgir de uma filosofia desse género? A outra facção é que me preocupa. É liderada por um tal Bano, um cananeu. Apela à resistência de todos os habitantes da Judeia contra Roma, por todo e qualquer meio. Se estas ideias se espalhassem para lá das fronteiras da província, aí é que estaríamos metidos em grandes sarilhos.

— De facto. — Assentiu Cato. — Mas deu a entender que existem outras ameaças. Quais são?

— Bom, por exemplo, a Pártia, o nosso velho adversário. Está a tentar dominar Palmira, um reino que faz directamente fronteira com as nossas províncias. Para cúmulo, em cima disto tudo, da situação na Judeia que se deteriora, da ascensão deste Bano, há outra complicação: o governador da Síria parece ter ligações aos Libertadores. Se somarmos tudo isto, até mesmo um racionalista cínico como eu pensa duas vezes antes de ignorar as palavras da profecia.

— O que está a dizer, exactamente? — Cato franziu a testa. — A profecia pode referir-se a qualquer um desses problemas, se é que tem alguma verdade.

Narciso recostou-se na cadeira, e soltou um suspiro. Por momentos, manteve-se em silêncio, o que permitiu a Cato aperceber-se pela primeira vez do som da chuva a bater nos painéis envidraçados das janelas. O vento devia ter mudado. Um relâmpago longínquo fez sobressair a silhueta do secretário imperial por um breve instante; pouco depois, o som do trovão ribombou sobre a cidade.

Narciso pareceu reanimar-se.

— Esse é o meu problema, Cato. O texto é vago, tão vago que pode ser interpretado de forma a referir-se a qualquer das ameaças. Preciso de alguém que investigue a fundo a situação, que avalie o perigo, e que seja capaz de resolver o assunto, se possível.

— Resolver? — Cato sorriu. — Se alguma vez ouvi um termo vago, foi esse. Não deixa de fora nenhuma possibilidade.

— Evidentemente. — Narciso devolveu-lhe o sorriso. — E a tarefa de encontrar a melhor forma de resolver qualquer questão que possa ser vista como uma ameaça ao Imperador cabe-te a ti.

— A mim?

— A ti e ao Macro, claro. Podes apanhá-lo em Ravena, quando embarcarem num navio para o oriente.

— Mas, espere um momento...

— Isso, lamentavelmente, é o que não podemos fazer de todo. Não há tempo a perder. Tens que deixar Roma imediatamente.

Cato encarou Narciso com uma expressão hostil.

— A última missão em que nos enviou quase nos matou.

— És um soldado. Ser morto em serviço é um acidente de trabalho.

Cato continuou a olhar para o secretário imperial, consumido pela raiva e pela mágoa de se ver de novo injustiçado. Forçou-se a responder da forma mais calma possível.

— Eu e o Macro não merecemos isto. Não fizemos já o suficiente por si?

— Ninguém fará alguma vez o suficiente por Roma.

— Arranje outros. Alguém com mais jeito para este tipo de trabalho. Deixe-nos voltar para as fileiras, para a vida de soldados. É o que fazemos melhor.

— São ambos excelentes soldados. — Concordou Narciso, calmamente. — Tão bons como os melhores. E esse é um excelente disfarce para a vossa verdadeira missão. Tu e o Macro vão ser colocados numa unidade da fronteira, na Judeia. E uma vez que fazem parte do escasso número dos que sabem das profecias, vocês são a escolha óbvia para este trabalho. — Encolheu os ombros. — De certa forma, são vítimas do vosso próprio sucesso, como diz o ditado. Vá lá, Cato. Não vos estou a pedir para arriscarem as vidas. Só peço que avaliem a situação.

— É que a resolvamos.

— Sim, que a resolvam.

— Através de que meios?

— Agirão com toda a autoridade do Imperador. Preparei um documento que tornará clara essa situação. Está noutra gaveta, com a carta de nomeação do centurião Macro, o relatório de Cesareia e tudo o que considere relevante tornar-se do vosso conhecimento. Gostava que lesseis tudo ainda esta noite.

— Tudo?

— Sim, seria melhor, uma vez que vais deixar Roma amanhã pela alvorada.

Assim que Cato terminou o relato do encontro com Narciso, o centurião Floriano abanou a cabeça.

— É duro. O homem parece decidido a fazer-vos merecer cada sétimo do salário.

Macro revirou os olhos.

— Nem imaginas como.

— Como calculas, não podes mencionar os pergaminhos a mais ninguém, jamais. — Avisou Cato. — Narciso insistiu em que só tu devias ser informado. Apenas um punhado de pessoas sabe da sua existência, e aqui nas províncias orientais somos só nós os três. E é assim que Narciso exige que continue. Percebido?

Floriano assentiu.

— Muito bem. — Prosseguiu Cato. — Não te vou insultar com a exigência de uma jura formal. Todos conhecemos o secretário imperial, e não nos é difícil imaginar o que nos poderá suceder se revelarmos o segredo.

— Não te preocupes. — Retorquiu Floriano, aparentando despreocupação. — Sei perfeitamente o que acontece a quem desagrada a Narciso. Antes de vir para aqui, eu era um dos encarregados dos interrogatórios.

— Ah... — Macro pareceu inclinado a comentar, mas arrependeu-se, pelo que fechou a boca e empurrou bruscamente a taça na direcção do outro centurião. — Acho que era capaz de beber mais uns goles do teu vinho.

Enquanto Macro se satisfazia com a taça cheia, Floriano prosseguiu.

— Bom, então qual é o vosso plano?

— Vamos começar pelo prefeito Escrofa, e pelo Bano. — Disse Cato. — Se percebermos o que se passa, talvez consigamos evitar uma revolta. E se ela não se der, então Longino não terá razões para solicitar reforços. Nesse caso, não terá forças suficientes para marchar sobre Roma. Assim sendo, manter-se-á pela região, e com alguma sorte isso chegará para os partos não darem demasiadas asas às suas ambições.

— Nessa história há demasiados ses para o meu gosto. — Comentou Macro.

Cato encolheu os ombros.

— Pois, mas não podemos fazer nada quanto a isso. Pelo menos até chegarmos ao forte de Bushir.

— Quando é que partem? — Quis saber Floriano.

— Epá, és um anfitrião do caraças! — Macro deu uma gargalhada, o que fez com que Floriano respondesse enquanto tentava evitar corar.

— Não estou a tentar ver-me livre de vocês. Mas, uma vez que limpam o sebo a alguns daqueles sicários na escaramuça do Templo, há-de haver amigos deles à vossa procura. Aconselho-vos a tomarem cautelas até chegarem a Bushir. Não passeiem por aí sozinhos. Andem sempre com escolta armada, e nunca descurem a segurança.

— Nunca o fazemos. — Assegurou Macro.

— Ainda bem. Bem, imagino que vão precisar de um guia. Alguém que conheça o caminho e o terreno em torno de Bushir.

— Sim, isso dar-nos-ia muito jeito. — Confirmou Cato. — Conheces alguém em quem possamos confiar?

— Nenhum dos locais, isso é garantido. Mas sei de um tipo que vos deve servir. Costuma trabalhar como guia nas caravanas para a Arábia, portanto conhece bem a terra e as gentes. O Simeão não é exactamente um amigo do Império, mas é suficientemente esperto para perceber que não tem nada a ganhar se desafiar Roma. Portanto, podem confiar nele, até certo ponto.

— Sim, parece confiável. — Sorriu Macro. — O inimigo do meu inimigo é meu amigo.

Floriano confirmou.

— Sempre assim foi. Não gozes, Macro. O sistema funciona bem assim. E agora, digam-me: há mais alguma coisa que eu deva saber? Há alguma coisa que possa fazer para vos ajudar?

— Acho que não. — Cato deixou o olhar espalhar-se sobre a cidade velha. — Depois do que nos disseste sobre os sicários, suponho que o melhor é deixarmos Jerusalém o mais cedo possível. Amanhã de manhã, se possível.

— Amanhã? — Repetiu Macro, surpreendido.

— Devíamos partir ao nascer do dia. E tentar pôr o máximo de distância entre nós e a cidade até ao entardecer.

— Muito bem. — Comentou Floriano. — Vou entrar em contacto com o Simeão, e organizar uma escolta montada. Um esquadrão da minha guarnição deve chegar para garantir a vossa segurança até Bushir.

— Será mesmo necessário? — Inquiriu Macro. — Se formos sozinhos, poderemos avançar mais depressa.

— Acredita, se partissem sem escolta, estes tipos haviam de vos encontrar e aniquilar antes que o dia terminasse. Isto é uma província romana, mas só de nome. Para lá das muralhas da cidade não existe lei nem ordem, só a desolação onde reinam ladrões e assassinos, e um ou outro culto religioso. Não é lugar para romanos.

— Não te preocupes. Eu e o miúdo somos bem capazes de olhar por nós. Já estivemos em sítios piores.

— A sério? — Floriano não parecia convencido. — Seja como for, mantenham-me a par da situação em Bushir, e eu farei com que os vossos relatórios cheguem a Narciso.

Cato assentiu.

— Bom, então está tudo combinado. Partimos pela alvorada.

— Sim. Uma última coisa. — Avisou Floriano, calmamente. — Um conselho, na verdade. Tenham muito cuidado quando chegarem a Bushir. A sério. O comandante anterior foi morto com um único golpe de espada. Pelas costas.



IV

O sol acabara de nascer, banhando as muralhas da fortaleza com uma luz rósea e já tépida, quando a pequena coluna se aprestava para deixar a cidade. O ar estava fresco e, depois do calor da noite, Macro saboreava a baixa de temperatura, enquanto se assegurava de que tinha as sacolas bem presas à sela. À semelhança de todos os homens das legiões tinha recebido instrução montada, mas tal não impedia que continuasse a detestar e desconfiar dos cavalos. O seu treino era de infantaria, e a sua longa experiência ensinara-o a preferir a companhia das ‘Mulas de Mário’, a alcunha que se colara aos marchadores e pela qual eram conhecidos por todo o Império. Ainda assim, o respeito que lhe exigia o calor abafador que martelava as rochosas paisagens da Judeia era suficiente para o levar a reconhecer que alcançar Bushir a pé seria absolutamente extenuante. Portanto, a viagem seria realizada a cavalo.

Olhou em redor, avaliando o esquadrão de cavalaria que fora destacado para acompanhar os dois centuriões até ao forte. Eram tropas auxiliares, de ascendência grega, e recrutados entre os habitantes de Cesareia. Agora que Roma assumira o controlo directo da Judeia não existiam em toda a província quaisquer unidades compostas por nativos. Depois da morte do rei, dois anos atrás, o exército de Herodes Agripa, maioritariamente constituído por mercenários gentios, tinha sido desarmado e desmobilizado e os homens espalhados. Com todas as lutas internas que afligiam tradicionalmente o reino da Judeia, as autoridades de Roma tinham decidido que seria extremamente arriscado tentar organizar tropas locais, e fornecer-lhes armas. Além do mais, as peculiares regras da religião local, que incluíam dias de jejum e de abstinência de qualquer tarefa, não casavam bem com as rotinas do sistema militar romano.

O seu olhar experiente deteve-se sobre os cavaleiros. Tinham um ar competente, o material estava em perfeitas condições, as montadas bem cuidadas e aparentemente saudáveis. Se surgisse algum problema ao longo

do caminho, ele e Cato poderiam contar com aqueles homens e organizar uma resistência aguerrida a qualquer emboscada. Uma carga decidida faria debandar como coelhos qualquer bando de assaltantes, decidiu. Procurou o amigo com o olhar.

Este conversava animadamente com o guia, o que fez o sobrolho de Macro franzir-se ligeiramente. O centurião Floriano trouxera-lhes aquele tipo enquanto Cato e Macro arrumavam as suas coisas nas sacolas, à luz trémula das luzernas, pouco antes do alvorecer. Chamava-se Simeão, e era um homem alto e espadaúdo, na casa dos quarenta. Envergava uma túnica limpa, embora vulgar, sandálias, e o lenço pouco elaborado que usava na cabeça era preso por uma faixa ornada, o único sinal exterior de riqueza que mostrava. De facto, pouco mais transportava que uma trouxa de roupa limpa, uma espada curva, e um arco curto com a respectiva aljava de flechas. Tinha um rosto agradável e falava um grego fluente. Aliás, percebeu Macro, mais do que fluente. O seu próprio conhecimento da língua era limitado, nada mais do que umas noções básicas que Cato lhe ensinara na viagem desde Ravena. Dada a diversidade de línguas nesta região remota do Império, o grego funcionava como língua franca, e era fundamental que Macro se conseguisse fazer compreender. A pronúncia do guia era irrepreensível. O efeito era tão inesperado que Macro se viu instintivamente a suspeitar dele. Porém, o tipo era amigável, e apertara-lhe o braço de forma firme e franca, ao ser-lhe apresentado. Cato sorriu perante um comentário que o outro fez, após o que se virou e se veio juntar a Macro.

— O Simeão tem estado a explicar-me o caminho para o forte. — Os olhos de Cato brilhavam de excitação. — Vamos para leste, para Qumran, na margem do Mar Morto, depois atravessamos o Jordão e subimos as colinas na outra margem, até chegarmos a uma escarpa. É aí que começa o deserto, e é aí que se situa o forte.

— Que bom. — Retorquiu Macro, sem qualquer entusiasmo. — Deserto. Mal posso esperar para ficar a saber como deve ser animada a vida por essas paragens. Finalmente, depois de tantos anos, sou mandado para as províncias orientais. E tenho portanto ocasião de conhecer todas as delícias da Síria, não é? Não. Nem pensar. Em vez disso, vou parar a um forte isolado no meio da porra de um deserto, e terei muita sorte se conseguir evitar que o sol me frite os miolos, um dia, e depois outro... Não. Desculpa lá, Cato, mas não consigo partilhar esse teu entusiasmo perante esta excitante viagem. Lamento.

Cato deu-lhe uma palmada amigável no ombro.

— Hoje vamos passar a noite na margem do Mar Morto, pateta. Não quer com certeza deixar passar uma oportunidade destas?

Macro encarou-o.

— Mar Morto? E isso parece-te ter um som agradável?
— Ora, vá lá. — Cato sorria. — Já deve ter ouvido falar dele.
— Porquê?

Cato estava espantado.

— É uma maravilha natural. Li histórias sobre ele em miúdo, lá em Roma.

— Ah, bem. Estás a ver, enquanto tu te divertias a ler sobre maravilhas da natureza, estava eu ocupado a aprender a ser um soldado, e a mostrar umas coisas àqueles bárbaros de merda lá pelo Reno. Portanto, desculpa lá se não estou a par de todas as atracções turísticas que existem aqui pelo cu do Império.

Cato sorriu.

— Muito bem, continue a lamentar-se. Mas espere até o ver. Logo à noite.

— Cato. — Começou Macro, com ar cansado. — Depois de veres um mar, já os viste a todos. Não há nada de especial ou belo num mar. Porra, os peixes fodem lá dentro, os peixes cagam lá dentro. E é tudo o que há de especial num mar, qualquer que ele seja.

Antes que Cato tivesse tempo de responder, o decurião que comandava o esquadrão lançou a ordem para os homens montarem, e o pátio da fortaleza encheu-se do barulho dos cavalos a relinchar e dos cascos a baterem impacientemente nas pedras do pavimento, à medida que os cavaleiros subiam para as selas. Estas eram elaboradas de forma a que o cabeçal cedesse ligeiramente sob o peso dos homens, fazendo as extremidades inclinarem-se para dentro e fornecendo aos cavaleiros uma posição estável em cima dos animais. Os dois centuriões pararam de conversar e montaram também, revelando bem a sua falta de hábito; levaram então as montadas para uma posição no meio da coluna. Floriano sugerira que essa seria a posição mais segura para eles até saírem de Jerusalém, altura em que se poderiam juntar a Simeão e ao decurião na frente da coluna. Esta precaução irritava Macro sobremaneira.

— Gosto pouco de ser levado ao colo. — Resmungou.

— Sempre é melhor do que ser assassinado — Retorquiu Cato.

— Eles que tentem.

O decurião verificou o seu esquadrão, notou que estava tudo em ordem e levantou o braço.

— Coluna! Avançar. — O braço desceu na direcção do portão, e as sentinelas que o ocupavam deram alguns passos para o lado quando a coluna começou a passar sob o grande arco e a descer a rua que vinha de Antónia, seguindo ao longo da face norte do maciço complexo do Templo e dirigindo-se para o portão de Cédron. Ao deixarem as sombras do

interior da fortaleza, a luz do sol atingiu Cato directamente nos olhos, forçando-o a pestanejar. Tinha sido um erro sair àquela hora, considerou. O sol cegá-los-ia a qualquer emboscada que os sicários estivessem a preparar nas ruas apertadas; com grande esforço, obrigou-se a vigiar tão bem quanto podia os telhados das casas próximas, que quase transformavam a rua num túnel. Mas havia poucos sinais de actividade. Alguns ma-drugadores iam aos seus afazeres, mendigos ocupavam as suas posições habituais, e um cão esquelético ia de um monte de entulho para outro, farejando em busca de algo que pudesse comer. As poucas pessoas na rua afastavam-se rapidamente para dar passagem à coluna, e não esboçavam qualquer reacção aos soldados. Mais à frente, Cato reparou que o piquete de guarda ao portão da cidade já levantava a pesada tranca e começava a escancarar as pesadas portadas que protegiam a urbe. Pouco depois, e sem qualquer incidente, o esquadrão deixou Jerusalém e começou a descer a estrada inclinada que levava ao vale de Cédron. Cato soltou um suspiro de alívio.

— Estou bem feliz por me ver dali para fora.

Macro encolheu os ombros.

— Seria preciso bem mais do que um punhado de imbecis convencidos de que se ajeitam com uma espada para me preocupar seriamente.

— É um alívio saber disso. — A poeira levantada pelos cavalos que iam à frente já começava a encher o ar, pelo que Cato pressionou o flanco da sua montada com os calcanhares, enquanto torcia as rédeas para o lado.

— Bom, vamos lá para a frente.

Pela hora a que a coluna tinha atravessado o vale e subido o Monte das Oliveiras já o sol se tinha elevado o suficiente para o calor se começar a fazer sentir. Macro, muito mais habituado ao clima das províncias do norte do Império, depressa começou a lamentar a perspectiva de passar o resto do dia a baloiçar no cavalo debaixo daquele sol inclemente. O capacete ia pendurado da sela e, como todos os outros, limitava-se a usar um chapéu de palha sobre o resguardo de feltro. Este depressa ficou ensopado em suor, tornando-se quente e incómodo, e Macro entreteve-se a amaldiçoar silenciosamente Narciso por lhes ter arranjado aquele trabalhinho. À medida que os cavalos foram fazendo o caminho que levava ao Jordão, no ponto em que o rio desaguava no Mar Morto, deixaram para trás a região em que se situavam as propriedades dos judeus mais abastados. A maior parte das casas estava fechada, já que os seus donos não se atreviam a viver sob a ameaça constante das facas de um bando de salteadores. Tinham preferido regressar a Jerusalém, onde também possuíam habitações e podiam viver em maior segurança. A paisagem tornou-se cada vez mais despovoada, e as

aldeias que atravessaram não passavam de aglomerados de casas de barro, rodeados por pequenas faixas de terreno cultivado.

— Isto é de doidos. — Comentou Macro. — Ninguém consegue viver desta terra imprestável. Ei, guia!

Simeão voltou-se na sela e respondeu com um sorriso.

— Sim, amigo?

Macro olhou-o com um ar pouco recomendável.

— Não és meu amigo. Pelo menos por enquanto. Não passas de um guia, por isso tento na língua.

— Como queiras, romano. O que querias perguntar-me?

Macro apontou para o intrincado padrão de campos cultivados junto à aldeia que atravessavam.

— O que é isto? Porque é que os campos são tão pequenos?

— É a lei judaica. Quando um homem morre, o seu terreno é dividido entre todos os herdeiros. Quando esses morrem, é novamente dividido entre os seus filhos. Portanto, a cada geração que passa, as parcelas ficam mais pequenas.

— Isso não pode durar para sempre.

— Pois não, centurião. É um dos problemas que afectam esta região. Quando um homem já não consegue sustentar a família, vê-se forçado a pedir um empréstimo e a apresentar o terreno como garantia. — Encolheu os ombros. — Se a colheita for fraca ou o mercado estiver saturado do produto que ele cultivou, não consegue pagar o empréstimo, e lá se vai a terra. Muitos partem para Jerusalém à procura de trabalho, outros vão para as colinas e transformam-se em salteadores, atacando os viajantes e aterrorizando as aldeias mais fracas.

Macro mordeu os lábios.

— Não me parece um estilo de vida muito agradável.

— E agora ainda menos, uma vez que temos de pagar impostos a Roma.

Macro deitou-lhe um olhar hostil, mas o guia limitou-se a encolher os ombros.

— Centurião, não quis ofender ninguém; é assim que as coisas são. Se Roma quer realmente obter a paz nesta região tem de cuidar dos interesses dos menos favorecidos, antes de adicionar as riquezas da Judeia aos seus cofres.

— O Império não é uma instituição de caridade, porra. — Fungou Macro. — Tem um exército para pagar, fronteiras a vigiar, aquedutos e... Bom, muitas outras coisas. E nada é barato. Alguém tem de as pagar. E se não fôssemos nós, quem protegeria esta gente? Responde-me lá a essa.

— Protegê-los? — Simeão sorriu friamente. — De quem? Dificilmente levariam vidas piores debaixo da pata de outro império qualquer.

— Referia-me a gente como Bano e os seus meliantes. Roma protege-os desses grupos.

— Mas as pessoas não o vêem dessa forma. Muitos estão mais inclinados a vê-lo como uma espécie de herói. Nunca o derrotarão, a não ser que Roma esteja preparada para governar a Judeia com uma mão menos pesada — ou, em alternativa, a espalhar guarnições por todo o território. Não estou a ver isso a acontecer no tempo que me resta de vida.

— Bem, Simeão, então o que farias tu? Como é que melhoravas a vida destes desgraçados?

— Eu? — O guia fez uma pausa antes de responder. — Bom, para começar, libertava-os do fardo dos impostos romanos.

— Mas nesse caso não haveria razão para manter a Judeia como província romana. É isso que queres para o teu povo?

— Meu povo? — Simeão voltou a encolher os ombros. — Na realidade, já não os vejo como o meu povo.

— Não és judeu?

— Sou, de facto. Sim, são o meu povo, mas já não me sinto seguro de que partilhe as suas crenças. Vivi longe desta região durante muitos anos.

— E como é que acabaste em guia?

— Há cerca de dez anos tive de deixar a Judeia à pressa. — Lançou um rápido olhar ao interlocutor. — E, antes que perguntes, tive as minhas razões, mas não as vou discutir.

— Seja.

— Bom, fui para sul, para a Nabateia, onde ninguém me procuraria. Alistei-me num grupo que fazia escolta a caravanas. Foi aí que aprendi a usar uma arma como deve ser. Nunca me hei-de esquecer da minha primeira caravana. Vinte dias a atravessar desertos e montanhas. Nunca tinha visto terras como aquelas. Garanto-te, centurião, há zonas nestes confins orientais do mundo onde se pode notar a mão de Deus.

— Parece-me que já vi o suficiente. — Resmungou Macro. — Dêem-me a Campânia, ou a Úmbria. Mil vezes. Que se foda este deserto todo, e mais as suas rochas.

— Nem sempre tem este aspecto, centurião. Na Primavera o ar é fresco, chove, e as colinas ficam cobertas de flores. Até o deserto para lá do Jordão fica florido. E há majestade no deserto. Para sul há um desfiladeiro de areias vermelhas e grandes falésias com penhascos de todas as cores a erguerem-se para o céu. À noite o firmamento enche-se de estrelas, e os viajantes juntam-se em roda das fogueiras e contam histórias que ecoam nas

rochas. — Fez uma pausa e sorriu, recordando. — Talvez um dia as vejas por ti mesmo, e comprehendas.

Deu um estalo com a língua, impelindo o cavallo e adiantando-se ligeiramente à coluna. Macro ficou a observá-lo, e depois dirigiu-se a Cato.

— O que pensas tu dele?

— Não tenho a certeza. Se conhece assim tão bem a região, é natural que Floriano o use. Mas há qualquer coisa nele que não parece bater muito certo.

— O quê?

Cato abanou a cabeça.

— Não sei bem. Acho difícil de acreditar que um tipo abandone a família e os amigos durante tanto tempo, com tanta facilidade. Acho-o interessante.

— Interessante? — Macro meneou a cabeça. — Diz antes doido. Se calhar apanhou demasiado sol no deserto.

A coluna chegou a Qumran, uma comunidade essénia, quando o sol já mergulhava no horizonte e criava longas e distorcidas sombras que se projectavam para a frente dos homens e dos cavalos. Qumran não passava de uma pequena aldeola de casas simples e ruas estreitas e poeirentas. As pessoas aceitavam sem entusiasmo as saudações que Simeão lhes dirigia; o guia levou a coluna através da aldeia até ao pequeno forte que se erguia numa colina baixa, um quilómetro e meio para lá da povoação. Por trás da edificação ficava o Mar Morto, que se espraiava na direcção de umas montanhas de aspecto formidável, esplendorosas nas múltiplas cores com que o sol poente as pintava. O forte não passava realmente de uma estação sinalizadora fortificada; uma quase imperceptível pluma de fumo erguia-se de um braseiro que era mantido permanentemente aceso na torre principal. A guarnição era composta por meia centúria de auxiliares trácios, comandados por um optio de idade já avançada que lhes deu umas boas-vindas entusiásticas assim que os viu a entrar pelo portão.

— Senhor, é um prazer ver caras novas por aqui. — O optio sorria, enquanto Macro desmontava e lhe devolvia a saudação militar. — Há mais de um mês que não punha a vista noutra romano.

O centurião bocejou e espreguiçou-se, antes de esfregar com força as nádegas num esforço para repor a circulação, afectada por um dia passado na sela. Cheirava a suor, estava todo dorido e coberto de poeira dos pés à cabeça.

— Preciso de um banho. Suponho que por aqui não haverá um balneário?

— Não, senhor.

— Então e lá atrás, em Qumran?

— Ali, há, sim senhor. Mas não temos autorização para o usar.

— Porquê? — Quis saber o centurião, irritado. — Pago o que eles pedirem.

— São essénios, senhor. Amistosos, mas nem pensar em partilhar comida ou instalações connosco, não querem que os contaminemos.

— Porra, mas o que é que há de errado com esta terra de merda? — Explodiu Macro. — O sol cozeu o cérebro a toda a gente? O que são essénios? Espero bem que não seja outra seita, foda-se.

— Lamento, senhor. — O optio encolheu os ombros. — Mas as coisas são assim. Eu e os meus homens temos ordens estritas para não ofender os essénios, seja de que forma for.

— Oh, muito bem, pronto. Arranja acomodações para os nossos homens, e dá-lhes de comer. Vou dar um mergulho.

— Um mergulho, senhor?

— Sim. No mar.

Macro reparou no ar de surpresa estampado no rosto do optio, e prosseguiu, irritado.

— Caralho, não me vais dizer que esses nossos grandes amigos, os essénios ou lá como se chamam, se vão eriçar por terem de partilhar todo um mar comigo?

— Não, senhor. Não é isso, é que...

Macro cortou-lhe a palavra.

— Vai mas é cuidar dos homens e dos cavalos. — Virou-se para Cato. — Vens?

— Oh, claro. — Cato sorriu. — Por nada deste mundo perderia esta experiência.

Pelo canto do olho Macro viu o amigo a trocar um olhar cúmplice com Simeão, pelo que se virou de repente para os confrontar.

— O que é que se passa aqui?

Cato fingiu-se inocente.

— Nada, nada. Vamos lá tomar banho.

Os dois oficiais despiram-se até ficarem de túnica e botas, e desceram a encosta pedregosa até à margem. Andaram um pouco pela borda da água até encontrarem uma espécie de praia rochosa, e tiraram o resto das roupas, deixando-as por cima das pedras. Macro adiantou-se até à beira da água e entrou pelo mar, chapinhando enquanto se afastava da margem. Quando a água lhe chegou ao peito levantou a mão e esfregou os dedos.

— É estranho... Esta água parece oleosa. — Levou os dedos ao nariz e cheirou, antes de experimentar o líquido com a língua. A face franziu-se-lhe imediatamente numa careta. — Agh!

— O que se passa?

- A água. Sabe horrivelmente. Tem muito sal.
— Bom, então não a beba. — Instou Cato. — Limite-se a nadar.
— Para quem nada tão mal como tu, estás cheio de entusiasmo.
Cato soltou uma gargalhada.
— Já vai perceber.

Macro sentia-se demasiado fatigado para continuar com a brincadeira de Cato, pelo que lhe virou as costas. Esticou os braços e lançou-se sobre as pequenas ondas desenhadas na superfície. Mas em vez de mergulhar para o fundo, sentiu-se a vir para cima como se não passasse de um pedaço de cortiça. E ao tentar dar uma braçada teve a sensação de que as pernas queriam sair da água.

- Mas que raio de coisa...?

Cato ria enquanto se metia pela água dentro. Ainda antes de a água lhe chegar aos ombros já se tinha posto a nadar no seu estilo muito próprio. Era uma sensação estranha, mas agradável, e ele sorria. Macro, por seu lado, não parecia estar a ter grande sucesso na tentativa de se afastar da margem à custa das suas braçadas poderosas.

— Isto é ridículo! — Desistiu, e deitou-se de costas. Flutuando sem esforço, olhou para Cato. — Bom, suponho que é por causa disto que toda a gente fala do Mar Morto como se fosse uma porra de uma maravilha natural.

Cato sentou-se na água, deixando as pernas subir.

- Estranho, não é?

Depois de se refazer da surpresa, Macro estava a achar a experiência bastante agradável, e experimentava diversas formas de se movimentar, concluindo que a mais prática era a de se manter de costas e usar os braços como remos. Cato seguiu-lhe o exemplo, lançando gritos de prazer como se fosse um miúdo a divertir-se.

Estavam tão animados que nem ouviram o grito de aviso que foi lançado das muralhas do forte, até ser demasiado tarde. Cato foi o primeiro a aperceber-se do som dos cascos e da gravilha a ser lançada pelo ar. Torceu o pescoço e avistou um grupo de cinco cavaleiros que avançavam à desfilada pela estrada que bordejava o Mar Morto.

- Macro! Temos de sair daqui!

- Hã?

Cato apontou para os cavaleiros, a não mais de trezentos passos. Os dois amigos dirigiram-se de imediato para a margem pedregosa, e assim que os pés tocaram o fundo correram para fora da água. Os atacantes já estavam mais próximos, e Cato percebeu que tinham desembainhado as espadas, que refulgiam ao sol. Não havia tempo sequer para pegarem nas adagas e tentarem defender-se.

— Esqueça as roupas! Corra para o forte!

Correram atabalhoadamente por entre as rochas, ferindo-se e cortando as solas dos pés nos calhaus mais aguçados, e soltando imprecações constantes. Chegaram à estrada e atravessaram-na a correr, prosseguindo pela encosta acima na direcção do portão. A sentinela gritou qualquer coisa para o interior do forte, e surgiram dois homens na abertura; hesitaram ao ver a aproximação dos cavaleiros, mas logo correram para os dois oficiais. Cato arriscou uma olhadela para trás e ficou arrepiado ao perceber que os atacantes já estavam a menos de cem passos e continuavam a aproximar-se a toda a velocidade, debruçados sobre os pescoços das montadas, preparados para desferir os golpes fatais, enquanto não paravam de incentivar os cavalos. Apercebeu-se perfeitamente de que seriam alcançados e derrubados muito antes de chegarem ao forte, e de os auxiliares chegarem junto deles.

— Continua! — Gritou Macro, que trepava pela encosta logo atrás do jovem. — Os cabrões estão quase em cima de nós.

Cato continuou a correr, com a cabeça encolhida entre os ombros, como se assim pudesse oferecer um alvo mais pequeno às espadas dos atacantes. Mal dava pelas dores nos pés lacerados, concentrando-se exclusivamente na necessidade de chegar ao portão, dando tudo por alcançar esse objectivo. O som dos cascos tornou-se ensurdecedor, e no último instante arriscou de novo uma espreitadela para trás.

— Merda! — Gritou, ao vislumbrar o mais adiantado dos inimigos crescer para ele, a espada em riste, antecipando o golpe letal. Viu o brilho do triunfo nos escuros olhos do homem, e o ricto congelado nos seus lábios. Nesse instante tropeçou e tombou sobre o solo, aleijando-se em mais meia dúzia de sítios. Deixou-se rebolar por instinto, e ergueu os braços para se proteger. O outro mantinha a mesma pose, mas agora o seu olhar era de surpresa. A haste de uma flecha saía-lhe do peito. A espada escorregou-lhe das mãos e caiu para o solo. Depois foi ele mesmo que tombou da sela, esmagando-se pesadamente no chão enquanto soltava um gemido de agonia. Cato pegou na espada e agachou-se, pronto para enfrentar qualquer adversário. Os outros não vinham muito atrás, e já se desviavam do cavalo sem cavaleiro que ficara no meio do caminho. Lançou um olhar a Macro, que parara alguns passos mais à frente e se virara para trás.

— Macro, corra! Não pare!

— Nem pensar, foda-se.

Deu um passo na direcção do amigo, mas este gritou de novo.

— Não pode fazer nada. Corra!

Indeciso, Macro hesitou um instante crucial, e um dos cavaleiros avançou sobre ele, derrubando-o com a montada. Mas antes que o homem

completasse o trabalho uma flecha cravou-se-lhe no estômago, fazendo-o dobrar-se na sela, antes de cair para o lado. Os mais atrasados dos atacantes, assustados e confusos com a pontaria infalível de quem lançava aqueles projecteis, refrearam as montadas e contemplaram o forte ainda distante. Uma terceira flecha trespassou a garganta do homem mais adiantado, que tombou agarrado ao pescoço, tentando gritar mas nada mais conseguindo do que fazer borbulhar o sangue que jorrava da ferida. Um dos sobreviventes gritou qualquer coisa, e os dois homens fizeram as montadas dar meia-volta repentina e fugiram pela estrada fora, encolhendo-se contra os animais e não se atrevendo sequer a olhar para trás. Cato observou-os um momento, com o peito a arfar pesadamente, e soltou a espada que empunhava com firmeza. Estavam salvos. Virou-se para Macro.

— Tudo bem consigo?

— Sim. — Macro respirou fundo algumas vezes. Acenou na direcção dos três cadáveres. — Porra, isto é que foi um trabalho e peras.

Cato virou-se para ver o que se passava no forte. Nas ameias por cima do portão, iluminado pelo sol poente, Simeão baixou o arco e acenou.

Cato inclinou a cabeça, num agradecimento, e Macro desatou a rir.

— Lembra-me de nunca tentar atacar uma caravana que ele esteja a escoltar.



V

Na manhã seguinte, ao deixar o forte, era evidente o ar desconfiado com que os homens que compunham a coluna miravam a paisagem que os rodeava. O ataque da véspera não tinha sido obra de meros salteadores de estrada. Tinha sido sim uma tentativa deliberada de assassinar os dois centuriões, o que tornava claro que alguém os seguira desde Jerusalém. E os sobreviventes daquela primeira tentativa não deixariam de os vigiar, aguardando uma nova oportunidade. Porém, pensou Cato, era também bem possível que os cinco homens fizessem parte de um grupo maior, e nesse caso toda a coluna poderia estar sob a ameaça de uma emboscada.

— Como é o terreno entre este forte e Bushir? — Perguntou ao guia, enquanto deixavam Qumran para trás e prosseguiam ao longo da margem do Mar Morto.

— Enquanto nos mantivermos deste lado do Jordão, ou pouco entrarmos pela margem oriental, não deveremos correr perigo. Além é que está a grande ameaça. — Simeão ergueu o braço, indicando as montanhas do outro lado do lago. — Para chegarmos a Bushir vamos ter de subir um desfiladeiro íngreme. Não alcançaremos o planalto antes da tardinha. Se os nossos amigos voltarem a tentar, será aí de certeza.

— Não há outro caminho?

— Claro que sim. Podíamos ir para norte, pela estrada de Filadélfia. E depois virávamos para sul, seguindo o trilho das caravanas até Petra. Seriam mais dois ou três dias de viagem. Querem ir por aí?

Cato considerou por momentos a hipótese, e depois abanou a cabeça.

— Não me parece que seja boa ideia dar a essa gente mais tempo para preparar outro ataque. Macro, o que acha?

— Se planeiam atacar-nos, então que venham esta noite. Por mim, cá os espero.

— Muito bem, então. — Cato sorriu. — Vamos pelo caminho mais directo.

Proseguiram em silêncio durante algum tempo, e os olhos de Macro fixaram-se na ponta do arco que saía de um dos sacos que a montada de Simeão levava na sela.

— Magnífica pontaria, a que exibiste ontem.

— Obrigado, centurião.

Macro fez uma pausa antes de continuar, de forma algo desajeitada.

— Salvaste-nos as vidas.

Simeão virou-se e mostrou os dentes resplandecentes, num sorriso aberto.

— Mal faria o meu trabalho se os homens que fui encarregado de proteger fossem mortos. No mínimo, Floriano exigiria que lhe devolvesse o que me pagou.

— Portanto, além de guia também és guarda-costas?

— Como te disse ontem, centurião, passei muitos anos no deserto, a escoltar caravanas. Foi tempo mais do que suficiente para aprender a usar as minhas armas. Além disso, tive como professores os melhores guerreiros da Arábia.

— Porque é que deixaste de o fazer? De escoltar caravanas?

— É uma vida dura. Estava a ficar farto daquilo. De forma que passei o trabalho ao meu filho adoptivo. Agora é o Murad que chefia a companhia de escoltas, e trabalha na rota entre Petra e Damasco.

— E ele é tão bom como tu com o arco?

Simeão riu.

— Tão bom? Não, o Murad é muito melhor do que eu. E muito mais duro, como a maioria dos seus homens. Ele teria despachado os cinco tipos muito antes de eles se terem aproximado de vocês. — Cuspiu no chão, irritado consigo mesmo. — Eu só matei três.

Macro deitou um olhar de relance a Cato.

— Só três. Pobre homem, está a perder o jeito.

— Peço-te que não voltes a mencionar o assunto. — Proseguiu Simeão. — Já me sinto bastante envergonhado sem pensar muito nisso.

— Seja. — Macro sorriu. — Mas, já agora, o teu filho parece ser o tipo de homem que daria muito jeito ao Império. Seria um excelente oficial para os auxiliares. Terá ele alguma vez pensado nisso?

— Para quê? — Simeão pareceu genuinamente surpreendido com a sugestão. — O Murad vive bastante bem assim. O vosso Império não poderia pagar-lhe nem um décimo daquilo que ele recebe para proteger as caravanas.

— Oh. — Foi a resposta embaraçada de Macro. — Bem, foi só uma ideia.

O dia prosseguiu em tudo semelhante ao anterior, e depressa o calor se tornou sufocante. Ao longe, na planície por onde corria o Jordão, o ar tremeluzia como se fosse feito de prata líquida. Ao fim da manhã atravessaram o rio, num ponto em que este se espreguiçava em meandros por entre vastos canaviais. Havia um vau num ponto em que o rio corria sobre um leito de areia e seixos, e os cavalos lançavam para o ar grandes cachos de espuma enquanto o percorriam. Ao olhar para montante, Cato reparou num abrigo na margem oposta cujo telhado era composto por grandes folhas de palmeira sobrepostas. Num baixio junto ao abrigo via-se uma pequena multidão, reunida em torno de um homem que, à vez, ia mergulhando na água quem o solicitava.

Cato puxou a manga de Simeão, e indicou o ajuntamento.

— O que se está ali a passar?

Simeão observou brevemente a cena.

— Aquilo? É um baptismo.

— Baptismo?

— Uma tradição local. Serve supostamente para limpar os pecados daquele que é baptizado. Muito popular entre algumas seitas. Os essénios, por exemplo.

— Queria mesmo falar-te disso. — Prosseguiu Cato. — Essas seitas todas. Quantas são? Que diferença é que há entre elas?

Simeão soltou uma gargalhada.

— Muito pouca, menos do que podes imaginar; mas ainda assim odeiam-se profundamente uns aos outros. Ora deixa-me ver... O melhor é começar por Jerusalém. As seitas principais por lá são os saduceus, os fariseus e os macabeus. Os saduceus são tradicionalistas de linha dura, não fazem concessões. Acreditam que os livros sagrados representam a incontrovertível vontade de Deus. Os fariseus são um bocadito mais pragmáticos, aceitam que a vontade de Deus pode ser interpretada através dos livros. Já os macabeus não têm dúvidas. Para eles, os judeus são o povo escolhido, destinado a governar o mundo, mais cedo ou mais tarde. — Sorriu na direcção de Cato. — Podes portanto imaginar como se sentem debaixo do jugo de Roma. Odeiam-vos mais ainda do que odiavam Herodes e os seus herdeiros.

— E porque os odiavam?

— Porque esses eram idumeus, e não descendiam de nenhuma das doze tribos originais dos hebreus.

Macro abanou a cabeça.

— Estes judeus são uma cambada de convencidos. Vá-se lá saber porquê, já que têm sido arrasados por todos os impérios que alguma vez se lembraram de olhar para a região.

Simeão encolheu os ombros.

— Talvez acreditem que o seu deus lhes reservou algum papel especial.

— O seu deus? — Cato observou-o, curioso. — Não é também o teu?

— Já vos disse. Essa deixou há muito de ser a minha fé.

— Então no que acreditas agora?

Simeão não respondeu de imediato; durante alguns instantes limitou-se a deixar o olhar vaguear sobre o distante grupo que se entregava ao baptismo.

— Já não sei bem aquilo em que acredito...

— Então e aquele grupo que encontrámos ontem? — Interrompeu Macro. — Os essénios, ou lá o que lhes chamaste.

— Essénios, sim. — Confirmou o outro. — Nada de muito complicado. Acreditam que o mundo dos homens é corrupto, mau e desprovido de espiritualidade. Por isso é que Deus não favorece a Judeia. Tentam levar uma vida simples, sem ostentação. Tudo o que têm pertence à comunidade, e agem em estrito respeito ao que está escrito nos livros sagrados.

— Não devem ser grandes companheiros de farra, então.

O guia lançou um olhar a Macro.

— Não. Não me parece, de todo.

— Mais alguma seita que valha a pena referir?

— Só mais uma. A maior parte deles vive numa aldeia perto de Bushir. Não são muito diferentes dos essénios. Pelo menos alguns deles, os que se consideram os verdadeiros seguidores de Jehoshua. O problema é que há outra facção.

— Que é liderada pelo Bano. — Aventou Cato.

— Precisamente. — Confirmou Simeão, sem esconder alguma surpresa.

— Devo ter ouvido algo sobre isso em Jerusalém. — Apressou-se a explicar o centurião.

Simeão prosseguiu.

— Bano proclama que era vontade de Jehoshua que os seus seguidores usassem a força para estabelecer a sua autoridade, e que os essénios estão a tentar tomar conta do movimento e corromper os ensinamentos do mestre. Diz que os diluíram e os transformaram numa série de crenças para fracos. A ironia disto é que, apesar de terem poucos seguidores na Judeia, parece que estão a nascer grupos de crentes um pouco por todo o Império, segundo o meu amigo Floriano.

— E quem lidera essa facção? — Inquiriu Cato.

Simeão perscrutou o jovem centurião.

— Tens mesmo de saber? O perigo real vem de Bano. Se o afastarem, talvez a província possa recuperar a paz.

— Tens razão, de facto. — Respondeu Cato, não querendo atizar a discussão. — É só porque gosto de conhecer todos os detalhes de uma situação.

Na margem oposta do Jordão o terreno subia a pouco e pouco, e o caminho passava junto a pequenos bosques e dúzias de quintas de pequena dimensão, que se abasteciam de água no rio que dava vida a todo o vale. À tarde aproximaram-se da linha de colinas escarpadas que levava ao grande planalto, e a paisagem tornou-se estéril, sem sinais de vida para lá dos raros rebanhos de ovelhas vigiados por crianças esquivas. Assim que notaram a aproximação dos cavaleiros, apressaram-se a levar os animais na direcção oposta, desaparecendo numa das milhentas ravinas que percorriam a planície.

Enquanto o sol se dirigia para o horizonte, Simeão conduziu-os para o desfiladeiro, e o caminho seguiu o íngreme declive, trepando por entre as rochas. Depressa o trilho se tornou tão estreito que a coluna se viu forçada a seguir em fila indiana; os cavalos escolhiam cuidadosamente o lugar onde pôr as patas e mantinham-se tão longe do precipício quanto lhes era possível. De vez em quando um dos animais fazia saltar um calhau que se precipitava pelo trilho, levantando poeira e milhentas pedrinhas. O desfiladeiro estava completamente seco e, como o sol lhe batia em cheio, não havia sinal de vegetação, pelo que os sons da passagem da coluna se reflectiam claramente nas paredes de rocha em redor.

Ao olhar para trás, Cato percebeu que já não tinham muito mais do que uma hora de luz.

— Simeão... Não podemos arriscar-nos a passar a noite no caminho.

— Um bocadinho mais à frente, sim. Há uma zona plana e larga. Acamparemos lá.

— É seguro?

— Sim. O trilho é estreito nas duas pontas da plataforma de que falo. E não há outra forma de a alcançar. Nem sequer para uma cabra.

Aliviado, Cato manifestou a sua aquiescência ao plano com um leve aceno de cabeça.

A coluna alcançou a plataforma no preciso instante em que o último raio de sol desaparecia no horizonte ocidental, e em que o céu se enchia de tons brilhantes em laranja e púrpura. Todos desmontaram, e os cavalos foram reunidos e levados para longe da borda do precipício. A comida dos animais foi retirada dos alforges e espalhada em redor, de modo a que eles fossem pastando. Depois de o optio ter colocado sentinelas no trilho, nas duas extremidades da plataforma, toda a gente se acomodou para passar a noite.

Macro dera ordens para não haver fogueiras. No ar límpido da montanha, seriam visíveis a muitos quilómetros de distância e alertariam para a presença dos romanos quaisquer bandidos da região, ou — pior — os sicários. Depois de a noite cair por completo, Macro, Cato e Simeão sentaram-se num penedo liso e contemplaram o vale do Jordão. À esquerda estendia-se o mar Morto, escuro, fazendo jus ao nome. Ao longo de toda a largura do vale viam-se, aqui e ali, pequenas luzes e o ar estava tão límpido que ao fundo, muito distante, Cato conseguia distinguir uma leve claridade.

Levantou o braço e apontou nessa direcção.

— Além, é Jerusalém?

Ao seu lado, Simeão semicerrou os olhos e acabou por confirmar.

— É, realmente. Romano, tens uma boa vista. Mesmo muito boa.

— Nesta carreira, dá muito jeito.

Macro estremeceu.

— Está frio. Nunca pensei que pudesse estar, depois do calor que apanhámos lá em baixo.

— Quando chegarmos ao planalto, as noites ainda vão ficar mais frias. — Avisou Simeão, enquanto se levantava. — Vou buscar as nossas mantas.

— Obrigado.

Enquanto o guia se afastava na direcção das manchas escuras espalhadas sobre o solo, os soldados que se preparavam para passar a noite ao relento, Cato levantou a cabeça e contemplou o céu estrelado. Tal como Simeão afirmara, era belo. Mesmo por cima deles, centenas de estrelas brilhavam em tons frios e etéreos.

— Sabe, acho que começo a perceber porque é que este nosso amigo aprecia tanto esta vida.

— Há realmente muito para apreciar. — Resmungou Macro. — Estou cheio de frio, cercado por inimigos, e tão longe de uma hospedaria decente e de uma mulher quente como alguma vez imaginei que poderia estar.

— É verdade, mas olhe para as estrelas... A vista. É maravilhosa.

Ao invés, Macro fixou o vulto escuro do amigo, enquanto abanava a cabeça, como que o lamentando.

— Estás no exército há... O quê, uns quatro anos?

— Sim... E então?

— Então... Quando é que vais deixar de te pôr com essas poetiquices merdosas?

— Não faço ideia. — Respondeu Cato, tranquilamente. — Suponho que no dia em que chegar à conclusão que já vi o suficiente deste mundo, e que estou farto dele.

— Mal posso esperar por esse dia. — Concluiu Macro, no momento

em que Simeão regressava com os pesados cobertores militares dobrados debaixo do braço.

Pela manhã prosseguiram pelo trilho, ainda em fila indiana. A maior parte dos homens tinha passado a noite a tiritar, incapaz de dormir, e agora estavam todos doridos e cansados. Ainda assim, não deixavam de estar atentos às falésias que os rodeavam, e a qualquer sinal de perigo que pudessem surgir. Daí a pouco o trilho alargou, e a encosta tornou-se mais suave. Cato deu um suspiro de alívio e apressou a montada, juntando-se a Macro e Simeão.

— Parece que lhes escapámos.

— Um bando de meninas. — Rosnou Macro. — Não passavam disso.

Simeão não respondeu. Estava a observar com todo o cuidado a crista baixa que se lhes apresentava pela frente e que marcava a orla do grande planalto. De repente, fez estacar o cavalo.

— Centurião, falaste cedo demais. — Avisou. — Olha para ali.

Os olhos de Cato dirigiram-se para a crista, detendo-se quando avistaram um grupo de homens que surgiam do meio das rochas, fazendo com que as suas silhuetas se destacassem contra o céu. Mais e mais homens apareciam, dezenas deles, e depois um grupo de cavaleiros tomou posição a ocupar a brecha na crista por onde passava o caminho que seguiam. Enquanto o optio berrava ordens para os homens largarem todo o equipamento desnecessário, colocarem os capacetes e prepararem as armas, a mão de Macro dirigiu-se instintivamente para o punho da espada.

— Estamos tramados. — Reconheceu, sem emoção.

Simeão deu-lhe um olhar acompanhado de um sorriso triste.

— Nada mal para um grupo de meninas.

Enquanto pronunciava estas palavras, um dos cavaleiros incitava a montada e iniciava a descida do caminho, dirigindo-se para os romanos.



VI

— É Bano. — Informou Simeão, calmamente.

Enquanto se livrava do chapéu de palha e punha o capacete, Cato olhou para o guia, surpreso.

— Conhece-lo?

— Já nos encontrámos, sim.

— Espero que em termos amigáveis.

— Fomos amigos, sim, há muito tempo. — Olhou rapidamente para Cato. — Esse tempo já passou.

— Podias ter mencionado esse facto antes. — Resmungou Cato.

— Não pensei que tivesse importância, centurião. Além disso, nunca mo perguntaste.

— Se nos safarmos desta, parece-me que vou ter uma série de perguntas a que gostava que desses respostas.

Já próximo deles, Bano refreou a montada, e sorriu quando reconheceu o guia. Dirigiu-se-lhe em grego.

— Devia ter adivinhado, quando os meus homens me falaram de um arqueiro que estava no forte. Estes soldados romanos não são bem-vindos, mas que a paz esteja contigo, Simeão de Bétsames.

— E contigo, Bano de Canaã. Em que podemos ajudar-te?

— Exijo que esses dois oficiais romanos me sejam entregues. Tu e os outros são livres de regressar a Jerusalém, depois de desarmados.

Simeão abanou a cabeça.

— Sabes bem que o que pedes é impossível. Desonrar-me-ias, a mim e à minha família.

Bano manteve o olhar fixo no interlocutor por largos momentos, antes de voltar a falar.

— Em memória dos velhos tempos, peço-te de novo que me entregues esses dois homens, e que largues as armas. Não quero o teu sangue nas minhas mãos.

— Então afasta-te e dá-nos passagem.

— Não. Esses dois liquidaram três dos meus homens, em Jerusalém. Têm de ser executados, como exemplo para todo o povo da Judeia.

— E eu então? Também matei três dos teus homens, no forte.

— Simeão, o meu combate é com Roma. Como devia ser o teu também. — Estendeu a mão. — Junta-te a nós.

— Não.

Bano deixou a mão tombar, e voltou a sua atenção para os homens do esquadrão de cavalaria.

— Entreguem-me estes dois oficiais, e garanto-vos que viverão. Larguem as armas!

Macro deu um toque em Cato.

— Quem é que este pensará que consegue enganar? No momento em que os auxiliares lhe entregarem as armas, é como se já estivessem mortos. — Inspirou, desembainhou a espada e gritou na direcção de Bano. — Se são as nossas armas que queres, vem cá buscá-las!

— Chiiiiiu! — Instou Cato. — Quem é que pensa que é, algum Leónidas?

Bano olhou para eles com ar de desafio, deu um aceno de despedida a Simeão, e fez o cavalo dar meia-volta e galopar pela encosta acima para se juntar aos seus homens. Macro chamou o decurião.

— Quais são as nossas hipóteses?

— Nenhumas, se ficarmos aqui e tentarmos apenas defender-nos. Temos de carregar sobre eles, abrir caminho e tentar escapar. Basta que dê a ordem, senhor. Mas terá que ser agora, antes que eles ataquem.

Macro anuiu.

— Vamos a isso.

O decurião voltou-se para os seus homens.

— Formar em cunha!

Enquanto os cavalos se dispunham segundo a ordem recebida, Macro e Cato apertaram os capacetes, desataram a carga que transportavam, e deixaram-na escorregar para o solo. Simeão pegou no arco, desembalhou-o cuidadosamente, fixou a corda e abriu a tampa da aljava. Quando os três homens se juntaram à formação, já Bano tinha chegado ao pé dos seus homens e disparava ordens em série. Tinha posicionado fundibulários e arqueiros nos flancos e ao centro, ocupando o trilho, colocara uma força de homens a pé com espadas, mas equipados de forma frágil, com escudos de madeira não reforçada, embora alguns tivessem capacetes e armaduras de couro. Pouco atrás deles, na crista do terreno, ficaram Bano e os seus cavaleiros, armados com arcos e lanças. Assim que se apercebeu de que os homens das fundas começavam a preparar as suas armas, Cato virou-se para o decurião.

— Agora! Dá a ordem imediatamente!

O decurião anuiu, inspirou e soltou um brado.

— Esquadrão! Avançar!

A formação, que desenhava aproximadamente uma cunha, começou a mover-se; os soldados agarravam firmemente nas rédeas enquanto se protegiam com os escudos. Na outra mão levavam as lanças, na vertical, para evitar o risco de ferir algum dos seus antes de entrar em contacto com o inimigo. Lá à frente os fundibulários inimigos já faziam rodopiar as suas armas sobre as cabeças, enquanto os arqueiros retesavam os arcos. Cato irritou-se, querendo que o decurião desse ordens para os homens aumentarem de velocidade e carregarem antes que fosse tarde demais. Mas imediatamente repreendeu-se. O decurião era um profissional, e sabia o que estava a fazer.

— Esquadrão, a trote, prosseguir!

Os auxiliares usaram os calcanhares para forçar as montadas a acelerar, e a formação aumentou de velocidade no preciso instante em que os primeiros projecteis inimigos foram lançados pelo ar, seguindo trajectórias em arco. A repentina mudança de velocidade perturbou a pontaria cuidadosa dos atacantes, e a maior parte dos mísseis abateu-se no solo, a curta distância por trás da formação romana. Alguns dos projecteis atingiram mesmo os escudos dos homens mais atrasados. Um dos cavalos empinou-se, aterrorizado, depois de ser atingido no flanco por uma flecha. No entanto, o cavaleiro conseguiu manter-se na sela, acalmar o animal e levá-lo de volta à formação.

— À carga! — Gritou o decurião, na frente da formação, agitando a espada no ar. Os homens responderam com um coro de gritos de guerra, e com um acelerar do passo das montadas que fez a formação em cunha parecer ganhar vida. Na segunda fileira, Cato e Macro agarraram as rédeas e prepararam-se para o embate, enquanto os cavalos ganhavam velocidade, com as crinas e caudas a esvoaçar ao vento. Poeira e areia fina encheram o ar à medida que o esquadrão subia a encosta com crescente ímpeto, ao encontro de Bano e dos seus homens. Dos flancos da força inimiga surgiu nova revoada de projecteis dirigida contra os romanos, e desta feita encontraram alguns alvos. Um pouco adiante e à esquerda, Cato viu uma pedra atingir um dos auxiliares. O embate fez-lhe tombar a cabeça, e a lança, escudo e rédeas escaparam-lhe dos dedos, fazendo com que o cavalo mudasse de trajectória. O homem acabou por tombar, e o animal prosseguiu na sua correria, insensível ao facto. À direita, Cato deu por Macro, de rosto determinado, lançado sobre a sela de forma a ficar tão pequeno quanto possível. Para lá dele seguia Simeão, perfeitamente equilibrado enquanto colocava uma seta no arco e escolhia um alvo.

À frente, Bano corria na direcção dos seus soldados a pé, incitando-os a não ceder a passagem. Mas a visão da cavalaria romana a carregar sobre eles era demasiado para muitos dos homens, que se apressaram a deixar o caminho livre. No momento seguinte, antes que Cato se apercebesse do que estava a acontecer, as linhas inimigas chocaram. De repente, o ar encheu-se dos ruídos de choques das armas, dos gemidos e gritos dos homens, do resfolegar e relinchar dos cavalos. Ao notar movimento à sua direita, Cato reagiu com uma estocada na direcção de um homem esguio, com um turbante sujo. O tipo esquivou-se, sem conseguir no entanto evitar que a espada o atingisse no ombro. Rosnando, lançou um golpe com uma espada curva que Cato mal teve tempo de bloquear. Revidou, atingindo o turbante com todo o ímpeto. O tecido absorveu a força da lâmina, mas o peso do golpe abateu-se sobre o homem, que caiu desfalecido no meio da poeira que se erguia por entre as patas e cascos dos cavalos embrenhados na refrega. Cato olhou em volta. Macro debatia-se com dois adversários, cobrindo-os de insultos enquanto os desafiava a avançar. Simeão colocava uma seta no arco, dançando sobre a sela enquanto seleccionava um alvo, apontava e libertava a seta. O míssil não voou mais de dez passos antes de se cravar no peito de um homem e lhe atravessar a espinha, fazendo jorrar uma torrente de carne sanguinolenta.

— Para a frente! — Gritou Cato. — Não parem! Continuem!

O decurião olhou-o, assentiu e repetiu o grito. Os homens incitaram as montadas, lutando e livrando-se dos adversários; assim que se viam livres, prosseguiram pela encosta acima, ao encontro dos cavaleiros inimigos. Bano empunhou a espada e ajeitou o escudo redondo sobre o ombro esquerdo, enquanto gritava uma ordem aos seus seguidores. Um grito comum marcou o momento em que lançaram os cavalos pelo declive, ao encontro das tropas auxiliares romanas. A cunha em que estas tinham começado já estava desfeita, e agora os romanos apresentavam uma formação dispersa. Os dois grupos chocaram num fragor de espadas refulgentes, de músculos de cavalos, vestes ao vento e armaduras tilintantes. Desprovido de escudo, Cato sentia-se extremamente vulnerável, pelo que se encolheu, brandindo a espada em riste e incitando o cavalo a atravessar a confusão e a livrar-se dos atacantes. Conseguia ainda assim ouvir Macro, a berrar sobre toda a confusão.

— Furem pelo meio deles! Ataquem!

Algo rebrilhou à direita de Cato, e ele mal se apercebeu do fulgor branco da lâmina que se abateu pesadamente sobre a face lateral do seu capacete. Fincou os calcanhares e o cavalo deu um salto para a frente, mesmo a tempo de evitar o segundo golpe, que cortou o ar muito perto do seu pescoço. Dançavam-lhe estrelas nos olhos, mas a visão clareou, e preparou-se

para enfrentar o inimigo. Uma face escura rodeada por uma cabeleira e barba negras de onde se erguia um rosnar enquanto o tipo erguia a espada para novo ataque. Cato levantou a sua lâmina, aparou o golpe, e deixou a espada deslizar pelo gume curvo da arma do adversário até o atingir no pulso. Sentiu o embate e escudou o grito do homem, que recolheu o braço enquanto o sangue esguichava da ferida profunda que recebera. Cato inclinou-se para ele e deu-lhe uma decidida estocada no estômago, torcendo a lâmina e puxando-a para trás com violência. Olhou de relance para as silhuetas que o rodeavam no meio da poeira, tentando orientar-se. Reparou numa zona calma, entre dois cavalos sem cavaleiro, e levou para lá a sua montada, dando-lhe um toque na garupa com a parte lateral da espada. O cavalo acelerou e saiu da nuvem de poeira, permitindo a Cato perceber que acabara de atravessar a barreira dos homens de Bano. Chamou os outros.

— A mim! Romanos, a mim!

Surgiram outras figuras. Simeão, de arco e rédeas numa mão, empunhando a espada com a outra e golpeando um homem de turbante que tentava alcançá-lo. Mais alguns auxiliares, e depois Macro, um braço fortemente apertado em torno do pescoço de um tipo que acabou por atirar abaixo do cavalo, deixando-o prostrado no solo. De repente o mundo transformou-se num turbilhão, e tudo parecia desfocado. Cato piscou os olhos, mas a visão não melhorou, e uma onda de náusea fê-lo cambalear.

— Cato! — Gritou uma voz próxima, vinda de um vulto escuro. Conseguiu perceber que era Macro. — Estás bem?

— Levei uma na cabeça. — Balbuciou a custo, tentando manter o equilíbrio. — Daqui a pouco estou fino.

— Não temos tempo para isso. Dá-me as rédeas.

Antes que pudesse concordar, sentiu que os arreios lhe eram retirados das mãos. Agarrou-se ao corno da sela, enquanto Macro incitava abruptamente a sua montada, fazendo o cavalo de Cato segui-lo. Afastaram-se dos adversários, e a visão do jovem clareou um pouco, embora ainda se sentisse tonto e com uma crescente vontade de vomitar. Reparou que a maior parte dos auxiliares tinha escapado do combate e galopava numa fuga louca, seguindo pela crista do terreno. Lá atrás, a escaramuça prosseguia, já que um punhado de romanos tinha ficado encurralado. Porém, a infantaria inimiga já se tinha apercebido da tentativa de fuga do grosso dos romanos, e chamava a atenção aos seus camaradas a cavalo para esse facto. Bano tentava repor alguma ordem na sua força, mas quando finalmente organizou a perseguição já a sua presa levava umas seis centenas de metros de avanço. Ainda assim, as montadas dos judeus estavam leves e os cavaleiros praticamente não envergavam armaduras, pelo que depressa começaram a recuperar terreno. Porém, dado que os animais dos auxiliares eram dos

melhores da província, também rapidamente se notou que tinham mais energia e, à exceção de uns poucos, os cavalos dos atacantes começaram a perder velocidade.

— Mantenham-se no trilho! — Avisou Simeão. — Sigam-no até ao forte!

As tonturas de Cato surgiam em acessos cada vez mais frequentes, e ele temeu perder a consciência. Macro não parava de olhar para trás, com uma expressão preocupada; era óbvio que a pancada que o amigo recebera era muito mais séria do que parecera a princípio. E depressa sucedeu o que todos adivinhavam. Cato desmaiou e começou a cair da sela. Macro apercebeu-se do que acontecera mesmo a tempo e refreou o cavalo, deixando que o de Cato se pusesse a par e lhe permitisse amparar o amigo. Olhou em volta, desesperado, mas a maior parte dos auxiliares já se afastava na distância.

— Ajudem-me! — Bradou.

O mais atrasado dos homens espreitou para trás, cruzou o olhar com o do centurião por um breve instante, mas preferiu virar-se para a frente e incitar de novo o cavalo. Mas também Simeão tinha ouvido o grito de Macro, e imediatamente fez o cavalo dar meia-volta e regressou para junto do oficial romano.

— O que é que lhe aconteceu?

— Levou uma pancada na cabeça. Desmaiou agora mesmo. A que distância estamos de Bushir?

Simeão olhou em redor.

— A duas, talvez três horas, a galope.

— Porra. Apanham-nos muito antes disso.

Simeão não respondeu. Sabia perfeitamente que era verdade. Se tivesse de prosseguir sempre a amparar Cato, depressa Macro seria alcançado.

— Centurião, o que queres fazer?

Macro olhou para as figuras ainda distantes dos perseguidores. Franziu o sobrolho, e depois pareceu chegar a uma conclusão, anuindo para si mesmo.

— Muito bem. Leva-o tu. Vou tentar atrasar aqueles cabrões o mais que puder.

Simeão lançou-lhe um olhar duro.

— Deixa-o.

— O quê?

— Eu disse: deixa-o. Não conseguirás atrasá-los o tempo suficiente para me permitir escapar com ele. Portanto, ou morre só ele, ou morremos os três.

— Não posso. — Disse Macro, resignado, enquanto contemplava o rosto pálido de Cato, encostado ao seu ombro. — É meu amigo. Mais do que isso: é como um filho. Não o deixarei na poeira do caminho para ser assassinado por esses facínoras.

Simeão deitou uma olhadela aos perseguidores e voltou-se de novo para Macro, com uma expressão resoluta.

— Muito bem, então, leva-o. Mantém-te na estrada. Eu sigo contigo e tento mantê-los à distância.

— Com quê?

— Com isto. — Simeão mostrou o arco. — Uns quilómetros à frente, o trilho bifurca, e um dos caminhos leva a uma aldeia. Há uma ravina que serpenteia mesmo ao lado da estrada. Quando lá chegarmos, faz exactamente aquilo que eu disser. Percebido?

Macro ponderou a proposta, atormentado pela dúvida, mas acabou por aceder.

— Ótimo! Agora, vamos!

Prosseguiram, mantendo Cato entre os dois, amparando o corpo inerte do jovem de forma a que não tombasse da sela. Mas a velocidade a que seguiam foi fortemente reduzida, e de cada vez que Macro olhava para trás notava a aproximação dos mais velozes dos perseguidores. Pelo contrário, à sua frente, o mais próximo dos auxiliares ia ficando cada vez mais distante, uma figura diminuta por entre a poeira levantada por todos os que estavam ainda mais adiantados. Macro amaldiçoou-os, antes de compreender que, no meio da poeira, o decurião e os seus homens não podiam aperceber-se da situação.

Entretanto, um grupo de quatro perseguidores aproximava-se rapidamente, fazendo valer a maior qualidade das suas montadas. Sabiam que depressa iam ter os romanos ao seu alcance, pelo que incitavam os cavalos sem cessar, antecipando o momento da vitória.

Tinham acabado de deixar para trás uma série de colinas, e emergiam agora numa zona plana: uma extensão de terreno pedregoso e ondulante, pelo meio do qual tinha sido limpa de calhaus uma faixa estreita, que constituía a estrada. Simeão afastou o seu cavalo do de Cato e avisou Macro.

— Continua. Vou mesmo atrás de vocês.

Macro anuiu, agarrou o ombro de Cato com mais força, e prosseguiu. Atrás dele, Simeão abriu a aljava, pegou numa seta, e colocou-a em posição contra a corda, com todo o cuidado; o cavalo prosseguia numa corrida a ritmo regular, dirigido apenas pela pressão dos joelhos do cavaleiro. Deixou que os perseguidores se aproximassem, mais e mais, até não estarem a mais de trinta passos. Só nesse momento se voltou para trás e revelou o arco pronto a disparar, enquanto fazia rapidamente pontaria ao homem

mais próximo. Surpreso, este respondeu agachando-se na sela, tentando diminuir o tamanho do alvo que representava. Mas não era a ele que Simeão apontava. Largou a corda, e a seta foi enterrar-se velozmente no peito do cavalo mais próximo. Relinchando de terror e sofrimento, o animal tropeçou e caiu, rodopiando no solo e esmagando o cavaleiro. Já Simeão tinha preparado nova seta e apontava ao alvo seguinte. Os perseguidores tinham perdido algum terreno ao desviar-se do cavalo abatido, que ainda se agitava, lançando os cascos para o ar numa tentativa desesperada de arrancar a farpa que lhe rasgava o peito. Depressa retomaram velocidade, deixando que o guia lhes visse as expressões determinadas e sedentas de vingança. Porém, um a um, Simeão abateu os três cavalos, deixando-os a debater-se na poeira. Finalmente, com um aceno de satisfação a si mesmo, voltou a fechar a aljava, a pendurar o arco na sela e a aproximar-se de Macro.

Mais adiante alcançaram o ponto de que Simeão tinha falado, onde a estrada bifurcava e onde um caminho mais estreito descia para um vale pouco pronunciado que serpenteava até conduzir a um largo desfiladeiro. O decurião e os seus homens estavam à espera, sem saber por qual dos caminhos seguir. Os cavalos pareciam extenuados, com os flancos a arfar à maneira de foles. O oficial pareceu aliviado por os ver chegar, até reparar que Cato estava inconsciente.

— Está ferido?

— Não. — Respondeu Macro, sarcástico. — Não se vê logo que está a fazer uma sesta, caralho? Evidentemente que está ferido.

O decurião apercebeu-se imediatamente das consequências.

— Vai-nos atrasar.

Simeão apontou para o caminho principal.

— Sigam por aquele lado. Levar-vos-á até ao forte. Centurião, vai com eles.

— O quê? — Macro exaltou-se. — Nem pensar! Fico com o Cato.

— Nesse caso, eles apanham-nos muito antes de chegarem ao forte.

— Já te disse, não o vou deixar nas garras de Bano.

— Bano não o apanhará. Eu levá-lo-ei para um lugar seguro.

Macro riu.

— Um lugar seguro? Aqui, no meio do nada?

Simeão apontou para o caminho secundário.

— Por ali, a um quilómetro e meio, há uma aldeia. Conheço a gente que lá vive, e confio neles. Dar-nos-ão refúgio. Quando chegares ao forte, regressa com uma coluna de socorro. Ficarei à espera.

— Loucura. — Protestou Macro. — Porque carga de água hei-de eu confiar nesses aldeãos? Porque hei-de confiar em ti?

Simeão olhou-o com intensidade.

— Juro-te, sobre a vida do meu filho, que ele estará em segurança comigo. Agora, dá-me as rédeas.

Macro ficou quieto ainda uns segundos, avaliando a situação. Não queria abandonar Cato, mas prosseguir para o forte naquelas condições significaria muito provavelmente a morte de ambos.

— Senhor! — Avisou um dos auxiliares, apontando para a estrada. — Já os vejo!

Macro largou as rédeas e pôs a mão em pala sobre os olhos. Simeão pegou nos apetrechos do cavalo antes que o centurião mudasse de ideias. Amparando Cato com uma das mãos, conduziu o cavalo para o trilho secundário.

— Esperem um bocadinho. — Solicitou, enquanto se afastava. — Deixem-me sair da vista. Depois fujam. Eles seguirão atrás de vocês.

Assim que Simeão e Cato desapareceram da vista do trilho, o decurião fez o cavalo rodopiar.

— Vamos!

Os auxiliares seguiram-no, cravando os calcanhares no flanco das montadas e gritando-lhes, incentivando-as a correr à máxima velocidade possível. Macro ainda aguardou um momento, dividido entre a vontade de ficar com o amigo e a de chegar ao forte o mais depressa possível, para poder dar ordens para o envio de uma coluna de socorro. Então pegou nas rédeas e espetou as botas no ventre do cavalo, seguindo os auxiliares. Ao lançar um último olhar na direcção da ravina por onde as duas figuras tinham desaparecido, Macro jurou a si mesmo que, se algo acontecesse a Cato, não descansaria até fazer com que Simeão pagasse por isso. Com a vida.

Simeão levou os dois cavalos pelo leito seco, seguindo o curso do pretenso rio até uma curva apertada. Deteve-se aí e esperou uns momentos. Os animais estavam extenuados, e resfolegaram, enquanto respiravam pesadamente e batiam com os cascos no solo.

— Chhhhiu! — Pediu Simeão, em tons brandos, enquanto afagava o pescoço da montada. — Não nos vamos denunciar, pois não?

À distância já se percebia a aproximação de um grupo de cavalos. Simeão ofereceu uma prece silenciosa para que os perseguidores se mantivessem concentrados em Macro e nos outros, e não se interessassem pelo trilho mais estreito, aparentemente deserto. O som do grupo tornou-se rapidamente mais forte, e Simeão sentiu a tensão espalhar-se pelo seu corpo enquanto aguardava que voltassem a afastar-se. Ao seu lado, de repente, Cato endireitou-se na sela, abriu os olhos e olhou em redor, confuso.

— O que ... Onde estou eu?

— Calado, rapaz! — Simeão agarrou-lhe com força no antebraço. —
Peço-te.

Cato olhou-o e depois cerrou os olhos, vítima de outro acesso de ton-
turas. Com uma convulsão, vomitou por cima da armadura e do flanco re-
luzente do cavalo. Cuspiu fracamente, para limpar a boca e tombou para a
frente, a mente a vaguear sem sentido enquanto murmurava incoerências.

— Foda-se, por que é a minha tenda... É isso.

Os ombros de Simeão denunciaram o alívio que sentiu quando o
romano se calou de novo. Apurou os ouvidos, escutando a passagem dos
atacantes, aos berrros com a excitação da perseguição, agora que os auxi-
liares estavam claramente à vista. Nenhum ruído indicou que se tivessem
separado ou mesmo que tivessem reduzido o andamento ao passar pela
bifurcação, e o som dos cavalos começou rapidamente a afastar-se. Simeão
esperou que o silêncio regressasse, atento a qualquer sinal de um retarda-
tário, mas nada aconteceu. Com um estalo da língua deu sinal aos cavalos
para voltarem para trás, subindo a ravina até chegar de novo ao trilho. En-
tão, amparando Cato da melhor forma possível, tomou a direcção da aldeia.

Cato acordou de um pesadelo com um salto. Imediatamente o mo-
mento de terror que o tinha empurrado para a consciência se desvaneceu,
sem que ele o recordasse. Doía-lhe horrivelmente a cabeça, uma dor que
lhe martelava o crânio. Abriu os olhos e de imediato a dor piorou, devido
ao insuportável brilho do sol. Piscou os olhos, franziu-os, e nesse momento
as narinas encheram-se com o odor acre do seu próprio vómito, o que lhe
provocou uma convulsão e o fez levar a mão à boca.

Reabriu os olhos no momento seguinte, notando que a penetrante
dor da luz se tinha reduzido levemente, e que se aproximavam de uma pe-
quena aldeia. Pequenas casas de pedra e lama, bem mantidas, alinhavam-se
dos dois lados do caminho. Aos lados dos edificios havia sombras, criadas
por telheiros com largas folhas de palmeira, cujos troncos esguios e compri-
dos se viam por aqui e ali. Reparou então nas pessoas, semitas, envergando
vestes largas e de cores claras. As crianças vestiam túnicas simples. Homens
e mulheres ocupavam-se a moer grãos em recipientes de pedra, enquanto
um pequeno grupo parecia estar a ter uma reunião, no exterior do maior
dos edificios. Interromperam-se e ficaram a olhar para ele enquanto Si-
meão conduzia os cavalos. O guia inclinou a cabeça num cumprimento a
cada um dos presentes, e finalmente parou junto a uma pequena casa no
centro da aldeia. Deslizou do cavalo e ajudou Cato a descer do seu, com
esforço. Pôs o braço do jovem por cima do ombro e dirigiu-se a custo para
a porta, de onde emergiu uma mulher de idade.

Tinha o cabelo cinzento, as feições bem desenhadas, e os olhos eram

escuras. Embora parecesse pequena e frágil, havia nos seus movimentos uma autoridade graciosa; olhou para os dois homens que se aproximavam da entrada da sua casa.

— Simeão ben Jonas. — Disse, de forma austera, em grego. — Há mais de um ano que não te vejo, e agora apareces-me à porta de casa com um soldado romano bêbado. Podes dizer-me o que significa isto?

— Não está bêbado. Está ferido, isso sim, e precisa da tua ajuda. Além disso, é muito pesado... Dava-me jeito uma ajuda.

A mulher fez um som de gozo e aproximou-se, amparando Cato pelo outro lado. Quando sentiu o apoio, Cato despertou, moveu a cabeça e sorriu, enquanto se apresentava.

— Centurião Quinto Licínio Cato, ao seu serviço.

— Centurião, és bem-vindo à minha casa.

— E que casa será essa?

— É uma velha amiga minha. — Explicou Simeão. — A Miriam, de Nazaré.

A mente de Cato ainda estava longe do seu estado normal, e o jovem lutou para extrair algum sentido do que ouvira.

— Nazaré? Isto não pode ser Nazaré.

— E não é. Esta aldeia chama-se Heshaba.

— Heshaba. Bonito nome. E quem vive por cá?

— Formamos uma comunidade. — Disse Miriam. — Somos seguidores de Jehoshua.

Jehoshua... O nome não lhe era desconhecido, e Cato forçou a memória até se lembrar de que era esse o nome do homem que Roma executara não há muitos anos. Olhou em redor para as faces dos aldeãos, enquanto um frio arrepio de receio lhe percorria a espinha.



VII

Macro abrandou deliberadamente o passo, para garantir que os bandidos não o perdiam de vista na bifurcação, e que continuavam a persegui-lo. Assim que os viu a galopar na direcção correcta voltou a cravar os calcanhares no flanco da montada, que acelerou imediatamente, galgando o terreno a toda a brida. Olhou de relance para trás, e viu que se mantinham a uma distância constante de cerca de duzentos passos. Se o seu cavalo tropeçasse ou se cansasse rapidamente, apanhá-lo-iam num instante. Um homem contra trinta ou mais. A perspectiva não era lá muito animadora, considerou, desalentado. Se ao menos tivesse a perícia de Simeão com o arco... Nunca tinha visto nada daquele género. Mas já tinha ouvido histórias. Só uma nação oriental dispunha de arqueiros que se dizia serem capazes de tamanhas proezas. A Pártia. E, nesse caso... Sentiu as entranhas a enregelarem-se. Se Simeão era um espião parto, tinha acabado de deixar Cato nas mãos de um dos mais duradouros e aguerridos inimigos de Roma. Mas não podia ser. Simeão não tinha de todo ar de um parto. Pelo menos não falava como se fosse um deles e, afinal, tinha-lhes salvo a vida na véspera. Portanto, no fim de contas, quem seria aquele Simeão de Bétsames?

Se escapasse aos seus perseguidores, jurou Macro a si mesmo, tiraria o assunto a limpo. Mas naquele momento só uma coisa interessava: evitar as garras de Bano e dos seus homens. Não lhe restavam dúvidas de que Bano queria vingar-se da morte dos seus sicários, e que essa vingança se traduziria numa agonia lenta e penosa. Voltou a olhar para trás e notou que o grupo que o seguia parecia manter-se à mesma distância.

— Vá, rapariga! — Gritou à montada. — Corre como se estivéssemos na última volta no Circo Máximo.

O animal pareceu compreender a vontade de sobreviver do cavaleiro e esticou o pescoço, parecendo ganhar ainda mais velocidade e aumentar o ritmo com que os cascos martelavam o piso irregular. Já avistava os auxiliares pouco à frente, e tinha a certeza de lhes estar a ganhar terreno. Esse facto

deu-lhe algum conforto. Pelo menos, se os outros o alcançassem, as probabilidades estariam mais equilibradas. O resultado, porém, acabaria por ser o mesmo, reconheceu. Pouco importava: rodeado por soldados romanos seria com toda a certeza capaz de despachar um bom número daqueles cabrões antes de chegar a sua vez de partir.

Voou pelo deserto, mas começou a perder velocidade à medida que a distância percorrida exercia o seu efeito nas reservas de energia do cavalo; daí a pouco não mais conseguiria do seguir num trote acelerado. Uma espreitadela para a frente e outra para trás fê-lo perceber que todas as montadas exibiam os mesmos sinais de exaustão, e o facto de o Sol se estar a aproximar do zénite levava a que o calor sugasse as poucas forças que os animais ainda guardavam. Tinham sido obrigados a um esforço maior e mais prolongado do que aquilo a que estavam habituados, e estavam à beira do desfalecimento. Um a um, os cavalos dos auxiliares deixaram de correr e adoptaram um passo mais lento, o que fez com que Macro se conseguisse aproximar dos retardatários antes que o seu cavalo também estourasse.

O decurião deixou-se ficar para trás até estar ao seu lado.

— Senhor, onde ficaram o centurião Cato e o guia?

— Não podiam vir connosco. — Explicou Macro. — Ficaram escondidos. Voltaremos com homens do forte para os recuperarmos.

O decurião encolheu os ombros.

— É preciso que ainda lá estejam.

O oficial das tropas auxiliares deixou-o, e continuou a percorrer o trilho, apressando os retardatários. A poucas centenas de metros via-se a nuvem de poeira levantada pelos perseguidores. Por duas vezes estes forçaram os cavalos a acelerar, no que foram imitados pelos romanos; as montadas foram levadas ao limite, até que os perseguidores renunciaram e retomaram o passo cadenciado, e de novo os romanos os emularam; quem observasse os dois grupos a progredir lentamente debaixo do terrível calor do meio-dia dificilmente pensaria que se estava a dar uma aturada perseguição.

Lá à frente, pelo meio das colunas de ar tremeluzente que se elevavam do solo, Macro distinguiu uma silhueta baixa. Semicerrou os olhos, mas ainda levou algum tempo a compreender de facto o que estava a ver, e que finalmente lhe alegrou o coração. Virou-se sobre a sela e animou os soldados.

— Rapazes, é o forte! Mesmo ali à frente.

Os homens pareceram reviver, espreitando ao longo da estrada, alguns usando as mãos para proteger a vista do brilho do sol e conseguirem ver Bushir com clareza, a pouco mais de uns três quilómetros. À medida que se aproximavam e a neblina de calor se começava a dissipar, Macro

apercebia-se de mais e mais detalhes. O forte era em pedra, e exhibia quatro torres maciças, uma em cada canto. A uni-las viam-se muralhas espessas, e dois pequenos torreões que ladeavam o portão principal, na face do forte que dava para o caminho que seguiam. A curta distância da fortificação via-se um reservatório, numa depressão do terreno para onde convergiam duas ravinas. Macro mal conseguia distinguir as pequenas e escuras figuras do grupo de homens que observava a aproximação da coluna a partir de uma das torres.

Atrás deles ouviu-se um brado débil quando os perseguidores também avistaram o forte e decidiram obrigar as montadas a um último esforço numa tentativa de alcançar os romanos antes que estes se refugassem na segurança do forte.

O decurião respondeu de imediato à nova ameaça.

— Esquadrão... Acelerar!

Espetou os calcanhares no flanco da montada, obrigando-a a aumentar de ritmo, no que foi imitado pelos soldados; tal não impediu os perseguidores de começarem a ganhar terreno, na ânsia de aniquilarem os romanos. Macro tentou a todo o custo manter-se a par dos auxiliares, mas não passava de um veterano de infantaria, pouco habituado a extrair todas as forças de um cavalo, pelo que foi ficando gradualmente para trás. Enquanto a coluna se aproximava do forte, os portões abriram-se, dando passagem a uma força pesadamente armada que se deslocou em passo de corrida ao encontro dos seus camaradas, preparando-se para lhes oferecer protecção. Algum oficial no forte parecia ter reagido prontamente à situação, e Macro fez uma nota mental para não se esquecer de agradecer a quem tomara aquelas disposições, se conseguisse escapar aos bandidos.

Os primeiros dos auxiliares passaram pela brecha na linha de infantaria, e imediatamente detiveram os cavalos exaustos e desmontaram. Macro olhou para trás e notou que os homens de Bano estavam muito mais próximos; conseguia até distinguir a espuma que saía dos focinhos das suas montadas.

— Vá, meu sacana! — Gritou às orelhas que se destacavam da parte traseira do pescoço do seu cavalo. — Corre! Ou acabamos os dois em comida para os chacais.

O animal pareceu compreender a aflicção do cavaleiro e lançou-se para a frente, tão depressa quanto lho permitiam os seus já trémulos membros, na direcção da linha de infantaria que continuava a aproximar-se. Contudo, de repente pareceu falhar um passo e vacilar na corrida, até que as patas da frente se começaram a dobrar. Macro soltou as rédeas e agarrou-se à ponta da sela com toda a força, para evitar ser projectado para a frente. O cavalo travou e depois tombou, batendo com o ventre no chão. Macro saltou

imediatamente e correu para junto da infantaria. Ouviu o grito de alegria dos perseguidores, que já o imaginavam nas suas garras. Lançou um olhar por cima do ombro e viu que já estavam próximos, de espadas erguidas, e o homem que seguia à frente já debruçado sobre o flanco do cavalo, a espada a postos para um golpe mortal. Mesmo por trás da linha de infantaria, o decurião fez o cavalo dar uma repentina meia-volta, empunhou a espada e obrigou a montada a voltar à estrada, derrubando um dos homens a pé enquanto se dirigia a Macro. No último instante, lançou-lhe um aviso.

— Baixe-se!

Os ouvidos de Macro estavam repletos do bater rítmico dos cascos quando ele se atirou para fora do trilho e rebolou, perdendo o fôlego com o impacto. Uma vasta sombra dançava sobre o solo ao seu lado, e ouviu o silvar de uma lâmina a cortar o ar. Viu-se rodeado por patas de cavalos, e encolheu-se numa bola, protegendo a cabeça com os fortes braços e sendo bombardeado pelo cascalho levantado pelos cascos. Espadas entrechocaram com um tilintar metálico, e ouviu-se um grito do decurião.

— Nem penses nisso, meu cabrão!

De cada vez que Macro tentava espreitar via-se cego pela poeira e areia levantadas, e só conseguia seguir a refrega pelos sons que escutava. Nessa altura algo de quente e húmido lhe tombou em cima, e escutou um rugido de triunfo.

— Apanhem-nos! — Gritou uma voz. — Dêem-lhes, Segunda Ilírica!

Viu-se rodeado agora por botas, e mais sombras, até que alguém lhe pegou por baixo dos ombros e o levantou.

— Estás bem, pá? — Uma rude face de soldado surgiu-lhe pela frente. Nessa altura o soldado notou a cota de malha de Macro, e as medalhas no arnês. — Desculpe, senhor. Está bem?

Ainda meio zozzo, Macro respondeu.

— Sim, tudo bem.

Reparou então no ar duvidoso do outro; olhou para baixo e verificou que uma larga mancha de sangue se espalhava pelos seus ombros e pelo braço esquerdo abaixo. Percorreu a área ensanguentada com os dedos, mas não encontrou qualquer ferida.

— Não é meu.

O outro esvaziou as bochechas de ar, aliviado, acenou e afastou-se, na pegada dos camaradas que perseguiram os atacantes. Macro fechou os olhos e limpou a sujidade da cara nas costas peludas do braço, e só então olhou em volta. Os homens do forte perseguiram os atacantes que tinham sobrevivido ao primeiro embate, atacando-os e às montadas com lanças longas. No solo, junto a Macro, viam-se três cadáveres de bandidos e o decurião. Este estava deitado de costas, os olhos abertos fitando o sol sem o

ver, a boca escancarada. Um golpe de espada rasgara-lhe a garganta até à espinha, e o solo em redor estava ensopado de sangue.

— Quem és tu? — Inquiriu uma voz.

Macro virou-se e viu que se aproximava um oficial. Ao avistar as plumas na crista do capacete do homem deixou que o instinto tomasse conta das suas acções, pelo que se colocou em sentido perante o presumível superior hierárquico.

— Centurião Macro! — Anunciou, e fez a saudação regulamentar.

O oficial respondeu, e depois franziu o sobrolho.

— Senhor, importa-se de me explicar o que se está a passar?

— Senhor? — Só então Macro se apercebeu de que o outro não passava de um centurião como ele, mas muito mais recente na patente. Olhou para o homem como se só agora o estivesse a ver. — Quem és tu?

— Centurião Gaio Lário Póstumo, senhor. Adjunto do comandante do forte.

— Onde está o Escrofa?

— O prefeito Escrofa? No forte, senhor. Enviou-me para proteger a sua força.

— Ah, um comandante que gosta de dar o exemplo, portanto. — Macro não se coíbiu de revelar algum desdém. — Não interessa. Estou aqui para assumir o comando da Segunda Ilírica. Estes homens são a minha escolta. Sofremos uma emboscada a alguns quilómetros daqui.

Macro olhou à volta, apercebendo-se de que o combate estava terminado. A maior parte dos atacantes tinha recuado e observava agora o forte em silêncio e a uma distância segura, numa crista próxima. Os oficiais da Coorte Ilírica tinham reagrupado os seus homens e estavam a formá-los junto aos sobreviventes do esquadrão de cavalaria. Dois homens pegaram no corpo do decurião e colocaram-no gentilmente sobre o dorso do cavalo, conduzindo-o depois para o portão. Macro abanou a cabeça. Tinha sido por pouco. Mas mesmo tendo escapado desta vez, tinha a certeza de que Bano não perderia a vontade de o eliminar. E a Cato. Quando esse pensamento lhe ocorreu, olhou para a estrada.

— Senhor? — Póstumo inclinou a cabeça e olhou para Macro com ar inquisitivo. — Passa-se alguma coisa?

— Sim. Um amigo meu ficou lá para trás. Temos de ir procurá-lo o mais cedo possível. Quero que dê ordens ao contingente de cavalaria do forte para montar e seguir-me.

— Senhor, com o devido respeito, essa decisão cabe ao prefeito Escrofa.

Macro rodopiou, enfrentando o outro.

— Já te disse. Agora sou eu o comandante.

— Não, senhor, não até que essa nomeação tenha sido autenticada.

— Autenticada? — Macro abanou a cabeça. — Tratamos disso depois. Agora tudo o que importa é o centurião Cato.

— Lamento, senhor. Só recebo ordens do prefeito Escrofa. Se quer auxiliar o seu amigo, terá de levar a questão à consideração do comandante.

Macro praguejou, irritado com o jovem centurião, enquanto sentia os punhos a cerrarem-se. Depois inspirou profundamente e assentiu, deixando o ar escapar-se com um silvo.

— Muito bem. Não há tempo a perder. Leva-me até ao Escrofa.

Regressaram ao forte com os últimos dos soldados que tinham sido enviados em auxílio da coluna, e enquanto seguia no meio deles Macro teve ocasião de os avaliar em pormenor. O equipamento estava pouco mais do que aceitável, mas os homens pareciam rijos. Pelo menos não tinham hesitado na hora de enfrentar os cavaleiros inimigos, e esse era sempre um momento importante para qualquer unidade. Os homens das legiões nunca recuavam perante qualquer tipo de ataque, e nisso podia-se apostar a vida. Mas os auxiliares não recebiam um treino tão aturado, e até o equipamento era mais ligeiro. Porém, aqueles tipos tinham-se lançado sobre os atacantes sem qualquer problema. Sem dar qualquer sinal exterior dos seus pensamentos, Macro aprovou-os. Os homens que compunham o seu novo comando — a Segunda Coorte Ilírica — pareciam ter potencial, e ele estava determinado a explorá-lo, e a melhorar ainda mais as suas prestações. Nesse instante cruzou o portão e reparou nos blocos de casernas, em péssimo estado de manutenção, alinhados em filas para os dois lados do forte. Haveria muito trabalho a fazer antes daquela coorte estar ao nível dos seus padrões pessoais. Em frente às casernas viam-se os armazéns, enfermaria, estábulos, edifício do comando, os aposentos dos oficiais e a casa do comandante da coorte.

A Segunda Ilírica era uma coorte mista. Dos mais de novecentos homens que serviam na unidade, cento e quarenta eram de cavalaria. Em todas as fronteiras existiam unidades daquele género, já que a mistura de cavalaria e infantaria permitia uma maior flexibilidade no trabalho dos oficiais encarregados de policiar as tribos locais e evitar qualquer tentativa de penetração da fronteira por parte de bandos de bárbaros. Uma força de cavalaria importante permitia patrulhar uma área mais vasta, perseguir quaisquer pretensos invasores e, quando necessário, lançar ataques punitivos para lá da fronteira.

Aquele género de coortes era geralmente comandado por centuriões transferidos das legiões; esse procedimento era visto como uma promoção, aplicada aos que eram considerados capazes de exercer um comando inde-

pendente. Apesar das reservas que tinha sobre o sujeito, Macro estava consciente de que Escrofa devia ter demonstrado algumas capacidades antes de ser seleccionado para aquele posto. Não se iludia quanto aos seus próprios méritos. O seu comando da coorte seria apenas temporário, pouco mais do que uma forma de resolver a emergência que se punha naquele momento de crise.

Depois de o último homem ter cruzado o portão, o centurião Póstumo ordenou que aquele fosse encerrado, e que a tranca fosse colocada em posição. Macro assinalou os sobreviventes do esquadrão de cavalaria, que levavam as suas exaustas montadas a passo.

— Era melhor arranjar espaço nos estábulos e nas casernas para quem acabou de chegar.

— Sim, senhor. Assim que o tiver levado à presença do prefeito.

— Onde está ele?

— Nos seus aposentos, senhor.

— Ora, então facilmente darei com ele. Trata mas é destes homens, sim?

— Muito bem, senhor. — Retorquiu Póstumo, relutante. — Juntar-me-ei a vós assim que tiver arrumado esse assunto.

Macro entrou pelos aposentos do prefeito, guardados por dois soldados bem ataviados, com todo o equipamento. Apesar de disporem de abrigos contra o Sol, suavam abundantemente no calor que reinava. Quando Macro se aproximou, puseram-se em sentido; ao passar entre os dois, o centurião não pôde deixar de notar a gota de suor pendurada no nariz de um deles. O facto fê-lo sorrir levemente. Depois de entrar, parou, para permitir que os olhos se ajustassem à penumbra. Um soldado varria o salão de entrada, e Macro interpelou-o.

— Tu!

— Sim, senhor? — O homem pôs-se imediatamente em sentido e saudou-o.

— Indica-me onde fica o gabinete do prefeito Escrofa.

— Com certeza, senhor. — O homem respondeu com um gesto de cabeça, cheio de deferência, e levou Macro até uma escadaria ao fundo da sala. Subiram ao andar de cima, de salas espaçosas e pensadas para permitir a passagem da mais leve das brisas através das janelas bem posicionadas.

— Por aqui, senhor. — O soldado indicou-lhe uma porta aberta que dava para o patamar. Macro adiantou-se e entrou nos aposentos do comandante, estacando em surpresa perante o ambiente luxuoso que o acolheu. As paredes estavam pintadas com cenas míticas de carácter heróico. A mobília era elegante, decorada com finos acabamentos, e a um dos lados via-se um cadeirão coberto por confortáveis almofadas. Numa mesa próxima

via-se uma taça de vidro repleta de tâmaras e figos. O prefeito sentava-se a uma grande secretária, envergando uma túnica leve. Ao seu lado, um imenso escravo de cabelo ruivo abanava um leque, dirigindo o ar para o seu senhor. Escrofa era um homem magro, de trinta e poucos anos, de pele pálida e cabelo escuro que começava a escassear nas partes laterais do crânio. Na mão esquerda ostentava um anel, prova da sua origem social elevada. Olhou irritado para Macro quando este entrou pelo compartimento, coberto de poeira e manchado pelo sangue do decurião.

— Que espécie de demónio és tu?

— Centurião Macro. Enviado de Roma para assumir o comando da Segunda Ilírica. Prefeito Escrofa, considera-te destituído. Manda chamar os teus oficiais superiores, por favor, para que possam ser informados da minha nomeação.

A boca de Escrofa estava escancarada. O escravo continuava a abanar, sem qualquer alteração de expressão.

— O que é que disseste?

— Foste destituído. — Macro inclinou-se para trás e colocou a cabeça do outro lado da porta. O soldado que o acompanhara dirigia-se de novo para as escadas. — Ei!

O homem virou-se e olhou para Macro sem perceber, e depois o seu olhar passou para lá de Macro e interrogou Escrofa.

— Senhor?

— O centurião Escrofa já não está no comando desta unidade. — Macro deu um passo, interpondo-se na linha de visão dos outros dois, e prosseguiu. — Quero falar com todos os centuriões e decuriões, imediatamente.

— Mesmo os que estão de serviço, senhor?

Macro fez uma pausa. Se Bano e os seus homens ainda andavam pela região, isso não seria de todo prudente.

— Não. Esses não. Falo com eles depois. Agora, vai!

Quando tornou a voltar-se para o interior do gabinete, já Escrofa tinha recuperado alguma compostura, e reclinara-se na cadeira. Encarou Macro com uma expressão de fúria no rosto.

— Explica-te. O que é que se está a passar aqui, por Hades?

Macro, consciente da urgente necessidade de organizar uma força poderosa e ir em busca de Cato e Simeão, atravessou a sala em passos largos e postou-se à frente de secretária.

— É muito simples. A tua nomeação foi temporária. Recebi ordens do gabinete imperial para assumir o comando da Segunda Ilírica. Não há tempo para qualquer cerimónia de transmissão de poderes, Escrofa. Preciso de um esquadrão montado e pronto para agir, agora mesmo.

Escrofa abanou a cabeça.

— Impossível! Cássio Longino garantiu-me que conseguiria que Roma tornasse a minha nomeação definitiva.

— Olha. — Continuou Macro, em tom amigável, embora desesperado para assumir o comando o mais cedo possível. — Disso não sei nada. Tudo o que sei é que me mandaram para Bushir com ordens para assumir o comando.

Ouviu-se o som de passos no patamar, e o centurião Póstumo entrou na sala. Escrofa apontou Macro com o braço esticado.

— Este homem diz que foi enviado por Roma para assumir o comando da coorte.

Póstumo encolheu os ombros.

— Estava com a cavalaria auxiliar que foi perseguida até ao forte, senhor.

— Há outro oficial, e um guia, escondidos algures lá para trás. — Disse Macro, com urgência na voz. — Tenho de os ir procurar com alguns homens.

— Já trato disso. — Avisou Escrofa. — Assim que esta situação estiver esclarecida.

— Não há nada a esclarecer! — Gritou Macro, incapaz de se controlar por mais tempo. — Eu sou o comandante! Foste substituído. Afasta-te. Convoquei uma reunião com os oficiais da coorte para esta sala. Leva o teu escravo, e vai para os teus aposentos.

— Não farei nada disso! Como te atreves a irromper por aqui e a tratares-me desta forma? Quem te enviou?

— Já te disse. Ajo por ordem do gabinete imperial.

O centurião Póstumo tossiu de forma audível, e avançou até à mesa, na clara intenção de confrontar Macro.

— Perdão, senhor. Se tem ordens para agir desta forma, poderemos talvez vê-las?

— O quê? — Macro olhou para ele sem perceber.

— As ordens, senhor. A confirmação da sua nomeação.

— Porra! Seja, muito bem. Vou buscá-las. Estão no meu alforge...

De repente os lábios de Macro imobilizaram-se, quando as imagens da manhã lhe atravessaram a mente: a subida para o planalto, a súbita aparição de Bano e dos seus homens, e depois o abandonar de toda a carga quando o esquadrão de cavalaria se preparara para um combate desesperado e para tentar alcançar o forte.

Os lábios do veterano voltaram à vida.

— Oh, merda.



VIII

Mais uma vez, Cato enfrentou o druida; desta feita, porém, o seu oponente era um verdadeiro gigante, o que o fazia sentir-se pequeno e indefeso como uma criança. Os olhos do inimigo eram negros como o carvão, e os dentes afiados, como se tivessem sido limados. Nas mãos segurava a foice, que levantou bem acima da cabeça, enquanto o olhar de Cato ficava preso à lâmina. Esta faiscou por momentos, ao captar os raios prateados do luar. E então precipitou-se para baixo, dirigida à garganta do romano.

Acordou com um grito, sobressaltado, e ergueu-se ligeiramente, apoiado nos cotovelos. Os olhos abriram-se muito, tentando apreender o que o rodeava, saltando de ponto em ponto. Um quarto pequeno e escuro, sem mobília, aparte a enxerga em que estava deitado. Tentou mexer-se, mas imediatamente sentiu um martelar na cabeça, como se alguém empregasse um pesado maço para o agredir ritmadamente. A náusea foi imediata, vinda da boca do estômago, e teve de se debruçar para o lado e tentar vomitar. A porta abriu-se, deixando entrar a luz.

— Romano, deixa-te estar deitado. — Uma mulher falava-lhe suavemente, em grego. Estava ajoelhada junto à enxerga, e empurrou gentilmente a cabeça de Cato para trás, até a apoiar de novo na almofada. — Ainda estás sob o efeito da pancada que levaste na cabeça. Há-de passar, mas para já precisas de repouso.

Com os olhos já mais habituados à penumbra que reinava no quarto, Cato observou a mulher. A face e a voz pareciam-lhe familiares, e breves memórias da emboscada atravessaram-lhe o pensamento: a fuga aos atacantes e a chegada à aldeia, onde vislumbrara aquela face por entre momentos de inconsciência.

— Onde estou?

— Em segurança. — Sorriu. — Pelo menos para já.

— A aldeia. Como é que se chamava?

— Heshaba. Estás em minha casa, romano.

Outro detalhe surgiu-lhe na memória.

— Simeão... Onde está ele?

— Foi esconder os cavalos no desfiladeiro. Depressa estará de volta.

A mulher ocupou-se fora do campo de visão de Cato, que só se apercebeu do som de água a correr. Pôs-lhe um pano húmido sobre o crânio e apertou-o ligeiramente, fazendo com que um fio de água lhe escorresse pelas têmporas.

— Isso sabe bem. E também cheira bem. O que é? Limão?

— Sim, espremi um e juntei-o à água. Vai-te refrescar a pele e aliviar do mal estar.

Cato forçou o corpo a relaxar, expulsando a tensão dos músculos até sentir os membros soltos e o latejar da cabeça diminuir de intensidade. Só então mexeu a cabeça para melhor ver a mulher.

— Não me lembro do teu nome.

— Miriam.

— Isso. — Anuiu levemente. — Tu e o Simeão conhecem-se.

— É um amigo. Não tão chegado como noutros tempos.

— Miriam, porque é que me estás a ajudar? Sou romano. Pensei que aqui na Judeia todos nos odiavam.

Ela sorriu.

— A maior parte, sem dúvida. Mas a nossa comunidade é diferente. Tentamos evitar que as nossas vidas sejam governadas pelo ódio. Agora, deixa-te estar quieto.

Tocou-lhe a cabeça com as mãos, e Cato sentiu os dedos a palparem suavemente sob o cabelo, até se aproximarem do ponto de onde parecia irradiar toda a dor. Fez uma careta e cerrou os dentes.

— Está inchada aqui nesta zona. Mas não pareces muito afectado. Parece-me que a pancada não foi muito grave. Daqui por uns dias estarás de novo em pé, romano.

Cato esperou que a dor amainasse antes de voltar a abrir os olhos e olhar para ela de novo. Apesar da idade óbvia, as feições de Miriam eram elegantes. Não era uma beleza convencional, mas tinha um ar de sabedoria e de autoridade calma que era desarmante. Ergueu a mão, pegou na dela e afagou-a ligeiramente.

— Obrigado, Miriam. Devo-te a vida.

— Nada me deves. Aqui todos são bem-vindos, romano.

— O meu nome é Cato.

— Cato... Pois bem, Cato, se queres realmente retribuir as minhas atenções, deixa-te estar quieto, e descansa.

— Miriam! — Chamou uma voz de criança, vinda de outra divisão da casa.

Ela virou-se para a porta e respondeu em aramaico.

— Estou aqui.

Um miúdo surgiu na ombreira. Teria uns treze ou catorze anos, e ostentava uma farta cabeleira negra. A túnica que vestia era de material grosseiro, e estava descalço. Olhou para Cato por momentos, antes de se dirigir a Miriam.

— É um dos soldados? Um romano?

— Sim.

— E tem de ficar aqui?

— Sim, Yusef. Está ferido. Precisa de ajuda.

— Mas ele é um dos inimigos. Um inimigo do nosso povo.

— Nós não temos inimigos. Lembras-te? Não é essa a nossa forma de vida.

O rapaz não pareceu convencido, e Miriam suspirou, cansada, enquanto se levantava e lhe pegava na mão.

— Sei que não é fácil para ti, Yusef, mas temos de cuidar dele até ficar bom e poder partir. Sê um bom menino e acaba de peneirar a farinha. Temos de fazer pão para esta noite, e ainda nem sequer moí toda a farinha de que preciso.

— Sim, Miriam. — Assentiu, deitou um último olhar a Cato, e afastou-se.

Enquanto os pés nus da criança percorriam o soalho, Cato sorriu.

— Suponho que aquele é um dos judeus que ainda odeiam Roma.

— Tem as suas razões. — Retorquiu Miriam, enquanto observava o miúdo a afastar-se. — O pai foi executado pelos romanos.

O sorriso de Cato desvaneceu-se. Sentiu-se embaraçado.

— Peço desculpa. Deve ser difícil para ele.

— Leva-o demasiado a peito. — Miriam abanou a cabeça. — Nunca conheceu o pai. Só nasceu depois da sua morte. Ainda assim sente a sua falta, sente que perdeu alguma coisa, e encheu o vazio com a raiva. Durante muito tempo, o centro da sua vida foi o ódio a Roma e aos romanos. Até que a mãe o abandonou e ele veio viver comigo. — Virou-se para Cato, que registou a tristeza no olhar da mulher. — Eu era tudo o que lhe restava no mundo. E ele, tudo o que me restava a mim. — Cato não percebeu, e ela sorriu perante a confusão que leu no rosto do centurião. — Yusef é meu neto.

— Oh, já percebi. — Só então Cato se apercebeu de tudo, quando os seus olhos encontraram os de Miriam.

— O pai dele era meu filho. E o meu filho foi executado por Roma.

— Miriam acenou com a cabeça, tristemente, e virou-se lentamente. Saiu do quarto, fechando suavemente a porta.

Durante o que lhe pareceu um longo período, Cato deixou-se estar no quarto às escuras. Sempre que tentava mexer-se a dor na cabeça regressava com toda a força e martelava-lhe o crânio até ficar maldisposto. Depois do que soubera por Miriam, sentia que tinha de se afastar daquela casa, daquela gente, antes que se virassem contra ele. Apesar de tudo o que a mulher lhe tinha dito sobre o comportamento dos aldeãos, Cato conhecia o bastante da natureza humana para saber que velhas feridas custavam a sarar. Enquanto estivesse ali, na casa dela, estaria em perigo mortal. Mas a verdade é que não podia mexer-se sem ser assolado pela agonia. Enquanto se mantinha imóvel na escuridão, tentando escutar o que se passava na casa e na aldeia em redor, amaldiçoou Simeão por o ter deixado ali. E por o ter abandonado. Por Hades, se tinha ido apenas esconder os cavalos, porque raio ainda não tinha voltado? Não fazia a mais pequena ideia de quanto tempo tinha passado ali estendido no escuro. Sabia que lá fora era dia, mas seria ainda o dia da emboscada? Ou o dia seguinte? Quanto tempo teria estado inconsciente? Devia tê-lo perguntado a Miriam enquanto ela ali estivera. Enquanto a ansiedade o assolava, virou a cabeça para o lado e perscrutou de novo todo o quarto. A curta distância, empilhada contra a parede, estava a sua armadura, mais o arnês, as botas e a espada. Cerrou os dentes e tentou arrastar-se e chegar lá com os dedos. Conseguiu tocar no cinto e mexer-lhe até que o punho da espada ficou ao seu alcance e liberto da armadura. Os dedos fecharam-se em torno da arma e, tão silenciosamente quanto conseguiu, desembainhou-a. Raspou ligeiramente no metal da bainha, e ele fechou os olhos numa careta. Mas conseguiu libertá-la e puxá-la para si, colocando-a entre a enxerga e a parede, escondida mas à mão, para o caso de ser necessária. O esforço tinha-lhe deixado os músculos do braço a tremer, e só lhe restou energia para empurrar a bainha da arma para debaixo da cota de malha antes de tombar sobre a almofada e combater as vagas de dor que lhe assaltavam o crânio. Fechou os olhos e inspirou profundamente, e a dor começou a dissipar-se; o corpo voltou a relaxar, e adormeceu.

Quando acordou de novo, a porta do quarto estava aberta, e pela luz que entrava percebeu que a tarde já ia avançada. Ouviu vozes no exterior. Miriam e Simeão. Falavam em grego, em tons baixos e familiares, e Cato esforçou-se para tentar perceber o que diziam.

— Porque é que não regressaste para junto de nós? — Perguntava Miriam. — Precisávamos de ti. És um homem bom.

— Não suficientemente bom, ao que parece. Pelo menos não para ti.
— Simeão, desculpa-me. Amava-te — ainda te amo, mas... Não podia, e não posso, amar-te como tu queres ser amado. Tenho que ser forte, por toda esta gente. Eles esperam que eu os guie. Esperam que os ame. Se te aceitasse como esposo, trairia a confiança de todos eles. Não o posso fazer.

— Estupendo! — Contrariou Simeão. — Morrerás então sozinha, se assim o desejas.

— Talvez... Se for esse o meu destino.

— Não tem de ser assim. Podias ficar comigo.

— Não. — Foi a resposta amarga. — Tu só pensas em ti. Renunciaste a todos nós, porque não quisemos seguir o teu caminho. Tu e o Bano, tão certos de que só a vossa escolha era a correcta. É esse o teu problema. É por isso que nunca poderias ser parte daquilo que tentamos construir aqui.

— O que pensas tu conseguir? Miriam, estás a enfrentar um Império. E armada com o quê? Com a fé? Sei bem em quem apostaria o meu dinheiro.

— Agora estás a falar exactamente como o Bano.

Simeão inspirou profundamente, e ripostou, a fúria mal contida na voz.

— Atreves-te a comparar-me a esse...

Antes que Miriam pudesse retorquir, ouviu-se um grito na rua, e o som de passos a entrar na casa.

— Miriam! — Era Yusef, excitado. — Vêm aí uns cavaleiros.

— Quem são? — Quis saber Simeão.

— Eu... Não sei. Mas vêm com pressa. Estão quase cá.

— Gaita! Miriam, temos de nos esconder.

— Não me esconderei. Nunca mais.

— Não és tu! Eu e o romano.

— Oh! Tens razão. Depressa, por aqui. — Entrou no quarto e apon-
tou para Cato. — Levanta-o.

Simeão passou por ela, colocou os braços sob os ombros de Cato, ergueu-o e pô-lo de pé. Miriam enrolou a ponta do colchão, pondo à vista uma porta de alçapão. Abriu-a puxando por um anel metálico e fazendo-a deslizar.

— Por aqui! Os dois, depressa.

Simeão arrastou Cato até à abertura e, sem cerimónia, lançou-o lá para dentro. O jovem tombou cerca de metro e meio e aterrou pesadamente. Mal teve forças para rolar para o lado enquanto Simeão descia para o esconderijo. No instante seguinte, o homem praguejou quando sentiu todo o equipamento de Cato a cair-lhe em cima da cabeça. Miriam voltou a fechar o alçapão e a colocar-lhe por cima a enxerga. A luz entrava no comparti-

mento por uma fina abertura que dava para a frente da casa, e os dois homens arrastaram-se nessa direcção. O espaço era apertado, mas à medida que os olhos de Cato se ajustavam às trevas, reparou que o esconderijo se estendia até às traseiras da casa. Estava vazio, à excepção de um pequeno cofre de aspecto rústico, aparentemente ali esquecido. Ouviram o som de cavalos a aproximarem-se, e rastejaram rapidamente até à abertura. Esta tinha a largura de um dedo, e havia alguns tufos de erva a crescer à sua frente; além disso, como ficava mesmo abaixo do nível das tábuas que compunham o soalho, Cato reparou que tinha de inclinar a cabeça para o lado se queria ver algo do exterior.

Avistava a rua que vinha da entrada da aldeia, e um pouco da estrada que levava ao cruzamento. Um grupo de cavaleiros entrava na povoação, e o coração deu-lhe um pulo quando reconheceu Bano à cabeça dos seus salteadores. O líder fez estacar o cavalo mesmo à frente da casa de Miriam, levantando uma nuvem de poeira que obscureceu a vista por momentos. No entanto, perceberam claramente pelo som que o chefe dos revoltosos tinha saltado da sela para o chão.

— O que queres? — Miriam avançou para o meio da rua. — Não és bem-vindo aqui.

Bano soltou uma gargalhada.

— Essa já sabia. Paciência. Mas tenho homens feridos, e precisam de tratamento.

— Não os podes deixar cá. Os romanos patrulham esta região. Se os encontrarem aqui, não deixarão de nos castigar.

— Não te preocupes, Miriam. Só quero que as feridas sejam limpas e ligadas, e depois voltaremos a partir. Nunca saberão que cá estivemos.

— Não. Tens de partir. Já!

Enquanto Cato e Simeão espreitavam pela frincha, viram o chefe dos bandidos desembainhar a espada e apontá-la na direcção da mulher. Mas Miriam não se encolheu, mantendo o olhar de desafio. A confrontação prosseguiu em silêncio por momentos, até que Bano se riu e agitou a espada à frente da idosa.

— É graças a isto que as coisas acontecem, Miriam. E não pelas orações ou pelo ensino.

— Achas mesmo? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — E o que conseguiste tu? Venceste o combate em que todos estes homens ficaram feridos? Não? Bem me parecia.

Simeão não pôde impedir-se de murmurar um aviso.

— Cuidado, Miriam.

— A situação está a mudar. — O tom de Bano era agora suave, mas não escondia a ameaça. — Temos amigos que nos vão auxiliar. Daqui a

pouco tempo terei um verdadeiro exército. Nessa altura, veremos como as coisas se passam. — Voltou a embainhar a espada, virou-se para os seus homens e gritou. — Tragam os feridos para esta casa.

Miriam não cedeu.

— Não os levarás para a minha casa.

Bano virou-se de novo para ela.

— Miriam, tu zelas pelas pessoas. Os meus homens precisam dos teus cuidados. Ou tratas deles ou eu começo a arranjar-te pacientes por entre o teu próprio povo, a começar por... Aqui pelo jovem Yusef. Rapaz! Vem cá. Imediatamente!

As tábuas sobre Cato chiaram quando Yusef saiu de casa e se aproximou do líder dos revoltosos, hesitante. Bano agarrou-lhe nos ombros e olhou-o com um sorriso.

— Um rapaz esplêndido. Ah, se o teu pai te pudesse ver... Serias o seu orgulho. E mais ainda se te juntasses a mim e lutasses para libertar a nossa terra do jugo romano.

— Ele não se juntará a ti. — Avisou Miriam. — Não é esse o seu caminho.

— Não, por hoje. Um dia, quando tiver idade suficiente para tomar as suas próprias decisões, talvez venha mesmo reunir-se a mim, e ajudar a tornar realidade a visão de Jehoshua. Um dia, sim. Por agora, Miriam, és tu quem deve escolher. Cuida dos meus homens, ou o rapaz perde um dedo.

Miriam olhou-o com raiva, mas os seus ombros descaíram, e acabou por anuir.

— Trá-los até à minha porta. Tratarei deles.

— Não, lá dentro. A sombra é muito apetecível. — Sem esperar por resposta, Bano afastou Yusef para o lado e berrou algumas ordens. Enquanto Cato observava, os revoltosos desmontaram e começaram a transportar os feridos para o interior da casa. As tábuas gemeram sob o peso, e pó e terra soltos tombaram sobre Cato e Simeão. Uma porta guinchou nas dobradiças, e Cato deu um pulo ao perceber que alguém acabara de entrar no quarto onde estivera até há pouco.

— Oh, merda. — Sussurrou.

Simeão olhou para ele, alarmado, e levou um dedo aos lábios a exigir silêncio.

— A minha espada. — Disse Cato, tão baixo quanto conseguiu. — Ficou por baixo do colchão.

— O quê?

— Tirei-a do cinto e escondi-a lá.

— Porquê?

— Não estava seguro acerca da Miriam e do rapaz. Ela contou-me que foram os romanos que executaram o pai dele.

Simeão franziu o sobrolho.

— Cato, não tens nada a recear da parte da Miriam ou do seu povo.

— Merda. — Cato olhou para ele, antes de se pôr a observar, aterrificado, o ferrolho por baixo da enxerga. A qualquer instante um dos homens poderia descobrir a espada e perceber que estivera ali um romano. Pior, podiam afastar o colchão e descobrir a entrada para o esconderijo. Nada podia contra isso, portanto resolveu imitar Simeão, deixando-se ficar tão quieto quanto possível e aguardando. Sentia o coração a bater com força, e a terrível dor de cabeça e a náusea regressaram, pelo que teve de se concentrar em lutar contra a dor e em evitar qualquer gemido ou grito.

— Ponham-no na enxerga. — Ouviu-se Miriam dizer. — Tragam-me água.

Tinha chegado o momento, pensou Cato. O ferido não deixaria de sentir a rija espada sob o colchão.

Em vez disso, sentiram-se passos apressados lá em cima, e ouviram Bano a falar.

— Miriam, nada de grego. Muitos dos meus homens não passam de simples camponeses. Só conhecem o dialecto do vale.

A conversa prosseguiu numa versão estranha de aramaico, e Cato olhou para Simeão.

— O que se passa?

O outro ergueu a mão, num sinal para ele se manter em silêncio, e apurou o ouvido para o que se passava no quarto por cima deles, tentando discernir a conversa. Havia agora muitas vozes misturadas, enquanto os passos se multiplicavam à medida que os homens iam sendo tratados. O tempo parecia avançar a passo de caracol, e Cato apercebia-se da passagem de cada instante, enquanto os ouvidos se lhe enchiam com os sons do quarto. Desejou que Miriam tratasse os homens tão depressa quanto possível, de forma a que saíssem da casa e depois abandonassem a aldeia.

Quando a luz lá fora começava a diminuir de intensidade ouviu-se um grito na rua, e o facto gerou imediata comoção no interior da casa de Miriam; os homens reuniram-se à entrada, e Bano lançou uma série de ordens. Simeão deu um toque em Cato.

— Avistaram uma coluna de cavalaria romana a caminho da aldeia.

— Macro. Só pode ser.

Simeão encolheu os ombros.

— Sinceramente, espero bem que sim.

Os homens de Bano começaram a levar os feridos para os cavalos. Enquanto ajudavam os primeiros a montar, ouviu-se um grito do homem

deitado no colchão. As feridas tinham-no deixado fraco, e ele viu-se forçado a parar para respirar antes de continuar a falar.

— Encontrou a tua espada! — Sibilou Simeão. — Quando voltarem para o levar, vão vê-la.

Cato pensou depressa, e percebeu o que tinha a fazer. Fez uma careta. Arrastou-se até ao monte de equipamento, procurou às apalpadelas a adaga e extraiu-a da bainha respectiva. A madeira da portinhola era antiga e gasta, e frágil. Cato reuniu todas as forças que lhe restavam, empunhou a adaga com ambas as mãos e empurrou-a através da madeira, fazendo-a trespassar a lâ que formava a base da enxerga e atingir as costas do ferido que nela jazia. Ouviu um som de surpresa, e sentiu um puxão na lâmina quando o homem se agitou por momentos, antes de tombar de novo. Não se deram mais movimentos. Torceu ligeiramente a adaga, libertando-a do corpo do inimigo. Voltou a agachar-se, e esperou. Pouco depois alguém entrou no quarto e parou um instante, antes de se dirigir ao homem deitado.

— Saul! — Gritou Bano, na rua. — Traz o último. Está no quarto do fundo.

— Sim, senhor.

Ouviram-se passos, e depois a voz de Miriam.

— Tarde demais. Está morto. Levem-no convosco.

— Bano! Este está morto. — Gritou o homem. — Levo o corpo?

— Deixa-o, temos de nos pôr a mexer. E depressa!

Na rua, os revoltosos voltaram os cavalos e arrancaram, a galope, dirigindo-se para a saída da aldeia. Levantou-se muita poeira, e Cato e Simeão só conseguiam perceber o que se passava pelas vibrações dos cascos no terreno. Os sons afastaram-se rapidamente. Por momentos imperou o silêncio, e depois ouviu-se o esforço de Miriam para afastar a enxerga. A portinhola foi aberta e a face dela surgiu na abertura.

— Já podem sair. Os romanos estarão aqui dentro de pouco tempo.